

VOZ OPERÁRIA

«Comunistas e Trabalhistas
Ombro a Ombro na Luta
Contra o Inimigo Comum»

LUIZ CARLOS PRESTES

(Reproduzimos, na 3ª página deste número, o artigo de Luiz Carlos Prestes, publicado em nossa edição extra do dia 27 do corrente)

PRESTES INDICA O CAMINHO DA UNIDADE

EM SEU ARTIGO esclarecedor «Comunistas e trabalhistas ombro a ombro na luta contra o inimigo comum», Luiz Carlos Prestes faz um veemente apelo à união do povo. As lúcidas palavras de Prestes ressoam como um poderoso brado de alerta conclamando os homens dignos e honestos a trilhar pelo caminho da salvação nacional. «A união de todos os patriotas e democratas brasileiros e, em primeiro lugar, de todos os trabalhadores é uma necessidade e uma fatalidade histórica inevitável. Comunistas e trabalhistas podem e devem unir-se» — eis o que proclama o Cavaleiro da Esperança.

O povo brasileiro saberá corresponder ao caloroso apelo de seu maior líder. Na luta de cada dia, comunistas e trabalhistas unidos marcharão para livrar o país do domínio dos trustes dos Estados Unidos e derrotar a ditadura americana de Café Filho que ascendeu ao poder com as mãos tintas de sangue de homens do povo e do sr. Getúlio Vargas.

Os comunistas e trabalhistas, que juntos derramaram seu sangue generoso contra os monopólios norte-americanos e os generais golpistas nas gloriosas jornadas de 24 e 25 de agosto, agora se unem para, nas urnas, derrotar os entreguistas e eleger os patriotas. Comunistas e trabalhistas encontram-se na mesma trincheira contra a política antioperária dos Café Filho e Alencastro Guimarães, em defesa da unidade sindical, das comissões intersindicais e dos pactos de unidade, contra as intervenções nos sindicatos, pela conquista de melhores salários e pelo congelamento dos preços. Comunistas e trabalhistas, nas fileiras da Liga da Emancipação Nacional, enfrentam ombro a ombro os inimigos mortais do povo — os trustes de Wall Street.

E' a unidade dos trabalhadores, de todo o povo brasileiro que está em marcha. Urge, agora, respondendo ao apelo de Prestes, intensificar a unidade dos comunistas, trabalhistas e de todos os que amam a liberdade e aspiram uma pátria progressista e independente. Para isso é preciso difundir aos milhões o artigo de Prestes, levar a palavra convincente e esclarecedora do grande líder nacional às grandes massas do povo que desejam lutar e aguardam uma orientação. Em toda parte, nas fábricas, nas fazendas, escolas, navios e em todos os locais de trabalho, a distribuição do artigo de Prestes despertará novos contingentes de trabalhadores para a luta unitária contra o governo antipopular de Café, Juarez, Gomes e Cia. e contra os espoliadores norte-americanos.

O artigo de Prestes significará o mais poderoso incentivo à união dos trabalhadores getulistas com os comunistas para a defesa da Constituição, dos direitos e conquistas sociais, contra a carestia da vida, pela paz, a democracia e a independência nacional. E' preciso tudo envidar para fazer avançar esta união, para procurar as formas práticas de concretizá-la e consolidá-la.

As vésperas do pleito eleitoral, o apelo contido no artigo de Prestes deve significar a multiplicação dos esforços para tornar vitoriosos em todo o Brasil os candidatos do povo. Cada cédula depositada nas urnas pelos patriotas terá que ser uma manifestação de unidade e de repúdio aos magnatas ianques que escravizam e exploram o povo e manejam o atual governo de opressão e carestia.

As sinceras e unitárias palavras de Prestes precisam ter sua expressão prática no reforçamento da Liga da Emancipação Nacional. Comunistas, getulistas e patriotas de outras opiniões políticas encontram na L.E.N. o caminho da unidade para libertar o Brasil do jugo dos monopólios dos Estados Unidos. Para isso é imprescindível criar milhares e milhares de núcleos da L.E.N.

As palavras de Prestes conclamam à união e à luta, prenuncia a vitória. E' preciso transformá-las em realidade.

Nº 281 ☆ RIO DE JANEIRO,
2 DE OUTUBRO DE 1954

Todos às Urnas Para Derrotar os Entreguistas!



«EU FUI VENDIDO
COMO ESCRAVO»

(Reportagem na página central)

E' Inevitável a Unidade de Ação
Entre Comunistas e Trabalhistas

Reportagem na 12.ª página

A Internacional de Marx e Engels



A 28 DE SETEMBRO transcorreu o aniversário de fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, criada por Carlos Marx, em vista da necessidade de coordenar o movimento proletário mundial, educando os trabalhadores na luta contra o capital.

O nascimento da I Internacional foi o resultado do amplo movimento operário verificado ao terminar a década de 50 do século passado e, sobretudo, após a crise econômica mundial de 1857. A Associação Internacional dos Trabalhadores cumpriu a gloriosa tarefa de unir as forças dispersas dos operários de todos os países visando à luta em comum pela melhoria de sua situação econômica, por sua libertação política e social. O próprio Marx, juntamente com Engels, dirigiu toda sua atividade política e de organização. Cabe ainda a Marx redigir o «Manifesto Inaugural» e os principais documentos da Internacional, nos quais sempre foi ressaltada a necessidade de lutar pelo poder político.

A obra de unificação do movimento operário

Marx e Engels consideravam que em benefício da unidade da classe operária as portas da Internacional deviam estar sempre abertas aos trade-unionistas britânicos, aos proudonistas, aos lassalianos e aos representantes de outras correntes não marxistas do movimento operário. Esta tática justificou-se inteiramente na prática e é a antecessora histórica da atual tática da unidade da classe operária, tão importante para o atual período. Como não podia deixar de ser, porém, essa luta pela unidade, não impedia, antes pelo contrário tornava indispensável um sistemático desmascaramento e o combate ideológico aos oportunistas de todas as tendências que procuravam desviar o movimento operário de seu leito próprio.

A I Internacional participava ativamente de toda a vida política, manifestando-se sobre os principais acontecimentos, para orientar a classe operária. Foi sob sua inspiração e orientação direta que o movimento operário em ascensão pôde criar em todos os países adiantados, sólidos núcleos operários, teoricamente apetrechados que permitiram a conti-

nuidade da luta e sua contínua ascensão.

O papel da I Internacional na Comuna de Paris

O movimento da Comuna de Paris, que estabeleceu a primeira ditadura do proletariado, está indissolivelmente ligado à história da I Internacional, refletindo o rápido amadurecimento da classe operária. A reação européia identificava sempre a Internacional e a Comuna, servindo-se desse pretexto para fechar em vários países as sedes da Internacional e perseguir duramente seus militantes. Os mais dedicados vultos da Comuna de Paris, aqueles que realmente procuraram organizar o povo para bater os versalheses, contam-se entre os membros da Internacional e os colaboradores de Marx, tais o húngaro Frankel, e o francês Varlin.

O Conselho Geral da Internacional não interfez, porém, na deflagração da guerra civil e Marx alertou frequentemente os operários parisienses contra o perigo de uma insurreição naquele instante. Mas, quando a luta não pôde ser evitada nas condições desiguais, ao contrário dos filisteus que se põem a gritar que «isso não devia ter sido feito», o Conselho Geral da Internacional e o

próprio Marx colocaram todas suas forças a serviço de sua justa causa, procurando orientar os revolucionários. Depois quando foi esmagada a insurreição em Paris e nas províncias, coube ainda à Internacional analisar o movimento e dele extrair os ensinamentos para a classe operária, e Marx escreveu a magistral obra «A guerra civil na França» que permanece sendo a análise definitiva daquele «assalto aos céus». Marx e Engels que já haviam chegado, muito antes, à conclusão da necessidade da ditadura do proletariado (enunciada no Manifesto de 1848) reconheceram na Comuna a forma viva dessa ditadura.

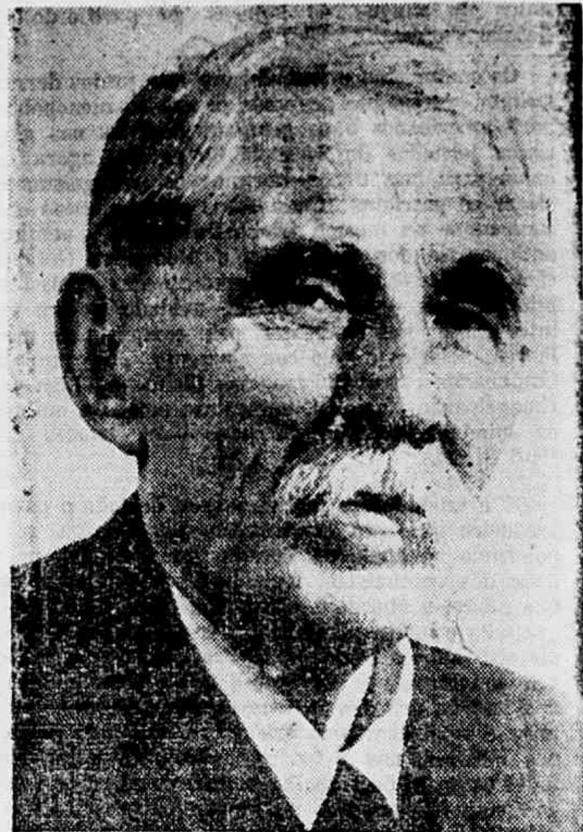
Foi ainda a Internacional um papel de destaque na luta contra o terror versalheses na França, acorretando com isso novas perseguições que, em lugar de abate o movimento operário, servi-

ram para fortalecê-lo e expandi-lo.

Glória à I Internacional

A luta travada por Marx e Engels no seio da Internacional e fora dela contra todas as influências pequeno-burguesas e contra as correntes antiproletárias no seio do movimento operário asseguraram a posterior hegemonia do marxismo no movimento operário mundial e semearam as colheitas do presente. Assegurando pela primeira vez na história a organização internacional da classe operária para a luta por sua libertação, a Associação Internacional dos Trabalhadores — a I Internacional — permanecerá para sempre como uma glória dos trabalhadores, cada vez mais unidos em torno da bandeira invencível de Marx, Engels, Lênin e Stálin.

Marcel Cachin completou 85 anos



Marcel Cachin completou 85 anos de idade. Desses, a maior parte dedicou-os às lutas da classe operária e da liberdade da humanidade, pois, desde moço revelou-se um firme e talentoso militante revolucionário. Por esse motivo, o aniversário de Marcel Cachin foi uma data de festa para os homens simples de todo o mundo. Cachin encarna em sua longa e gloriosa carreira política a fidelidade inabalável aos princípios do marxismo, a dedicação inabalável às ideais de vanguarda de nosso tempo.

Quando, a guerra de 1914 e a Grande Revolução Socialista mostraram definitivamente a natureza do caráter falacioso dos fariseus da II Internacional e da «Internacional segunda e meia», foi Cachin que, apoiando decididamente as posições deministas, apontou aos revolucionários o caminho da cisão do Partido Socialista Francês, apoiando e posto a serviço do capitalismo, e da fundação do Partido Comunista Francês, herdeiro da Comuna, organizador da Resistência e dirigente das lutas do povo da França pela paz, a independência nacional e a democracia.

O Partido Comunista da União Soviética associou-se às

manifestações em homenagem a Marcel Cachin.

«Saudamos em ti um dos mais antigos militantes do movimento operário francês e internacional, um dos fundadores do Partido Comunista Francês. Serves há muitos anos, sem desfalecimentos, os interesses do povo francês e os nobres ideais dos trabalhadores do mundo inteiro.

«Desse modo que tens boa saúde e alcanças novos êxitos em tua nobre luta patriótica pela causa da classe operária e de todo o povo francês, pelos interesses nacionais de tua pátria, pela paz no mundo inteiro».

Em seu tratado «Ação do Marcel Cachin, o Partido Comunista Francês ressaltou: «Teu mérito histórico foi o de, há 34 anos, no Congresso de Tours, mostrar à classe operária da França o caminho no qual deveria necessariamente ingressar para desempenhar seu papel nacional e atingir os objetivos de libertação, o caminho traçado por Marx, Engels, Lênin e Stálin.

Desempenhaste um papel decisivo na fundação do Partido Comunista Francês e contribuíste poderosamente para forjar esse partido operário de novo tipo que se tornou, sob a direção firme e lúcida de Maurice Thorez, o primeiro partido da França, a esperança da França».



A Conferência, em Londres, do Rearmamento Alemão

INICIOUSE em Londres a Conferência das Nove Potências, destinada a estudar uma nova forma de impor aos povos da Europa o rearmamento da Alemanha Ocidental, que sofreu rude golpe com a rejeição da C.E.D. pela Assembléia Nacional Francesa. Os debates estão sendo mantidos em segredo, em razão das dificuldades de ser obtido um acordo que satisfaça, ao mesmo tempo, os diferentes bandos imperialistas que, unidos embora no ódio à União Soviética e à paz mundial, se entrecrocaram na luta pelo domínio.

Os resultados da viagem de Eden e Dulles na Europa continental revelaram uma diferença de posições das duas principais potências do Pacto do Atlântico Norte, esforçando-se a Grã-Bretanha por obter um tipo de acordo que desloque a predominância inglesa, dando-lhe o principal lugar, ou pelo menos a igualdade, com os Estados Unidos, na chefia da aliança dos agressores. Assim, enquanto a política norte-americana, apoiada por Adenauer, se volta para a inclusão da Alemanha ocidental na OTAN, os ingleses buscam o rearmamento alemão pela via do Tratado de Bruxelas (do qual não participam os Estados Unidos), contando com o apoio de Mendes-France. O Governo francês, todavia, sabe de antemão que não lhe será possível alcançar a ratificação do rearmamentismo alemão sem disfarces e vacila em aceitar o enlace entre o Pacto de Bruxelas e a OTAN.

Qualquer acordo em Londres é buscado na base da política de guerra e da reconstituição de uma Wehrmacht, menos encoberta ainda que a prevista nos termos da Comunidade Européia de Defesa. Basta ver a respeito as exigências de Adenauer e de Dulles, reclamando imediato rearmamento, assim como os termos das entrevistas de Eden, e manifestações do próprio Mendes-France.

O ministro francês, em recente entrevista à importante revista oficial norte-americana «U. S. News and World Report» não somente declarou textualmente que consi-

dera «que na hora atual é indispensável a contribuição alemã» para os exércitos agressores, como chegou ao deslante de dizer que não rearmar a Alemanha era dar-lhe uma vantagem econômica que comprometeria a situação dos outros países na luta pelos mercados mundiais». O tartufismo adquiriu aqui feição rara.

Ao mesmo tempo, confirmando sua anterior adesão já anuncia «que futuramente deveremos renunciar a uma parte importante da nossa soberania e aceitar uma certa organização na Europa» e que «não faz objeções ao princípio de uma autoridade supranacional», que propõe seja mesmo incluído no Tratado de Bruxelas.

Enquanto isso o memorando alemão mantém as exigências anteriores e as amplia, referindo-se inclusive à manutenção das «cláusulas reservadas» (secretas) do Acordo de Bonn e aceitando apenas uma declaração voluntária de limitação de armamentos (que, pelo próprio caráter de voluntária, pode ser denunciada a qualquer momento).

Esse o quadro geral da polêmica entre os imperialistas, que apresentam agudas divergências. Na rejeição das massas às soluções guerreiras é que está, porém, o motivo principal das dificuldades de um arranjo. Mendes-France, por exemplo, que adotou para a França a tese da «alienação progressiva da soberania» necessita apresentar ao Parlamento uma proposta que lhe dê esperanças de quebrar a sólida maioria que, em fins de agosto, rejeitou o rearmamento alemão. Daí que se veja forçado a insistir em certas propostas já rejeitadas em Bruxelas.

Desse modo, apesar dos comunicados otimistas emitidos de Londres, não há muita margem para um acordo definitivo na Conferência dos Nove. E dado que consigam encontrar a ansiada fórmula mágica, terão de obter sua aprovação ulterior nos parlamentos. E, quanto a isso, é bastante elucidativo o recente exemplo da C.E.D.

COMUNISTAS E TRABALHISTAS OMBRO A OMBRO NA LUTA CONTRA O INIMIGO COMUM

OS VIGOROSOS movimentos populares que se seguiram à deposição e morte do sr. Getúlio Vargas e, em seguida, a grandiosa greve geral do proletariado e do povo de São Paulo revelaram a força do povo brasileiro que está disposto a defender a liberdade e a independência da pátria, que não se submeterá à escravização colonial pelos Estados Unidos. A frente do povo está a classe operária que avança com sucesso pelo caminho da unificação de suas fileiras. Para os banqueiros norte-americanos já não é tão fácil enganar o povo brasileiro e, impunemente, fazer e desfazer governos em nossa terra.

É compreensível que um justo sentimento de orgulho encha, por isso, o coração de todos os patriotas. As feras de Eisenhower não farão do Brasil a colônia que almejam. Precisamos, no entanto, não subestimar a força do inimigo, que se acha cada vez mais desesperado e que não vacilará no emprego de todas as violências para alcançar seus objetivos escravizadores.

O momento exige a união de todos os patriotas. Agrava-se dia a dia a miséria das grandes massas trabalhadoras e os governantes, ao mesmo tempo que se revelam incapazes de resolver os mais urgentes problemas nacionais, sentem-se cada vez mais isolados e encontram dificuldades crescentes para esmagar o movimento patriótico como lhes ordenam seus patrões norte-americanos. É em semelhante situação que surgem sempre os aventureiros, os generais golpistas, como Eduardo Gomes e Juarez Távora, com pretensões a «salvadores», que se oferecem para esmagar o movimento operário e patriótico e submeter em nome da «civilização ocidental e cristã» o povo brasileiro ao jugo escravizador dos incendiários de guerra norte-americanos.

Os generais fascistas e politiquieiros udenistas que dirigem a ditadura americana de Café Filho subiram ao poder com as mãos tintas de sangue dos patriotas, mas é evidente que ainda não conseguiram impor no país o terror fascista de que necessitam para alcançar os objetivos que almejam — vender o Brasil aos trustes norte-americanos e colocar nosso povo sob a dependência total dos governantes de Washington. É este o perigo imenso que pesa sobre nossa pátria e que ameaça a vida e segurança de todos os brasileiros. Para enfrentá-lo é indispensável a união de todos os patriotas sob a direção da classe operária.

Só a classe operária unida pode dirigir vitoriosamente a ação organizada do povo, de todas as forças progressistas e antiimperialistas, contra o inimigo norte-americano e seus agentes lacaios em nossa terra. Mais do que nunca é indispensável que trabalhistas e comunistas, que constituem as duas maiores e mais poderosas correntes do movimento operário em nosso país, unam suas forças, estreitem-se fraternalmente as mãos na luta comum contra o inimigo comum. Esta a razão do histórico apelo do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil em seu manifesto de 1.º de setembro — como trabalhadores e patriotas, somos irmãos e é como irmãos que precisamos lutar ombro a ombro contra a ditadura americana de Café Filho, em defesa da Constituição, de nossos direitos e conquistas sociais, contra a caren-

LUIZ CARLOS PRESTES



tia da vida, pela paz, a democracia e a independência nacional.

A brutalidade do golpe militar de 24 de agosto comoveu a nação e abriu os olhos de milhões de brasileiros. Particularmente os trabalhadores getulistas receberam uma preciosa lição, que lhes permitiu avançar no sentido de uma nova compreensão dos problemas brasileiros e da solução que os mesmos exigem. Os acontecimentos confirmaram o que sempre disse o Partido Comunista do Brasil sobre a dominação norte-americana em nossa terra. Quem não quiser submeter-se como escravo ao jugo colonizador do imperialismo norte-americano precisa participar ativamente da luta mundial pela paz, a democracia e a independência nacional. Não existe uma terceira solução, um terceiro caminho. O suicídio do presidente Getúlio Vargas o comprova.

Foram os acontecimentos, portanto, que nos colocaram no mesmo terreno de luta. Trabalhistas e comunistas, lutamos contra o mesmo inimigo que é o imperialismo norte-americano, lutamos contra seus agentes em nosso país — os generais fascistas e os politiquieiros reacionários da U.D.N. — somos todos interessados na preservação dos direitos constitucionais e na defesa das conquistas sociais dos trabalhadores. É esta, em sua essência, a plataforma patriótica que agora nos une, a comunistas e trabalhistas. Mais do que nun-

ca, estão agora claros para todos nós os motivos que durante anos nos levaram freqüentemente a lutar juntos. Lutamos juntos desde a campanha pelo envio da F.E.B. à Europa, pela anistia de 1945, pela Assembleia Constituinte. Temos lutado juntos nas greves gerais do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, como de São Paulo. Nas manifestações contra o golpe de 24 de agosto em todo o Brasil, comunistas e trabalhistas lutaram juntos e juntos derramaram o seu sangue.

Todos aqueles que querem separar os trabalhistas dos comunistas colocam-se contra os interesses dos trabalhadores e do povo brasileiro, contra os interesses do Brasil. Os trabalhadores getulistas já aprenderam bastante para não se deixarem mais enganar pelas lágrimas de crocodilo do sr. Osvaldo Aranha e seus comparsas, como Alencastro Guimarães e outros — cínicos agentes dos banqueiros norte-americanos que ainda supõem possível explorar a morte do sr. Getúlio Vargas em proveito dos mesmos bandidos dos círculos dirigentes de Washington a que servem como lacaios. Não é por acaso que toda a imprensa reacionária já se levanta assustada contra a união de trabalhistas e comunistas.

A união de todos os patriotas e democratas brasileiros e, em primeiro lugar, de todos os trabalhadores, é uma necessidade e uma fatalidade his-

tórica inevitável. Comunistas e trabalhistas podem e devem unir-se. É com razão que nos chamamos irmãos. Isto, evidentemente, não significa que da noite para o dia os trabalhistas passem a ser comunistas e vice-versa. Para marcharmos juntos contra o inimigo comum não precisamos renunciar a nossas crenças e opiniões pessoais, ou abandonar os partidos políticos a que pertencemos. Quanto a nós, comunistas, não ocultamos jamais nossos objetivos. Lutamos pela libertação do Brasil do jugo do imperialismo norte-americano, pela entrega da terra dos latifundiários gratuitamente aos camponeses, pela substituição do regime de latifundiários e grandes capitalistas pelo regime democrático-popular. Nosso Programa é claro. Mas uma vez, no entanto, pedimos aos camaradas do Partido Trabalhista Brasileiro que o examinem, que opinem francamente sobre as soluções que nele apresentamos, que indiquem suas proposições, que participem conosco de discussões que permitam chegarmos a uma plataforma comum capaz de facilitar o mais rápida unificação de todos os patriotas brasileiros em ampla frente democrática de libertação nacional.

Neste ensejo, dirijo-me pessoalmente aos trabalhadores getulistas, a todos os trabalhistas honestos, e estendo-lhes fraternalmente a mão. Deixemos de lado ressentimentos que possam haver entre nós, comunistas e trabalhistas, para colocar acima de tudo os supremos interesses da pátria e do povo.

O essencial é que saibamos unir nossas forças nas fábricas e nas fazendas, nos bairros operários e nas concentrações camponesas. Nós, comunistas, estamos prontos para entrar imediatamente em entendimento com todos os dirigentes do P.T.B., mas, antes e acima de tudo, nos dirigimos aos trabalhadores getulistas e os convidamos para a ação comum em defesa da Constituição, em defesa da liberdade de reunião, de imprensa, sindical, do direito de greve, para a luta contra a carestia da vida e pelo congelamento de preços. Essa unidade de ação é indispensável para barrar o caminho à ditadura terrorista com que ameaçam a nação os generais golpistas e os politiquieiros reacionários serviais do imperialismo norte-americano.

Nesta luta comum em defesa dos supremos interesses da pátria e do povo, devemos todos apoiar as campanhas patrióticas da Liga da Emancipação Nacional. É entrando para os núcleos da Liga da Emancipação Nacional nas fábricas e nas fazendas, nos bairros e povoados, reforçando suas fileiras, que concretamente marcharemos ombro a ombro, trabalhistas e comunistas, juntamente com os patriotas de outras opiniões políticas, na luta contra o jugo do imperialismo norte-americano e pela independência nacional.

Nossa aliança nas próximas eleições de 3 de outubro, em torno de uma plataforma democrática e antiimperialista, deve constituir importante passo no caminho da luta pela derrota da ditadura americana de Café Filho, para garantir a vitória dos patriotas e a derrota dos entreguistas.

É um dever patriótico de comunistas e trabalhistas fazer todos os esforços para aplainar o terreno da unidade, para afastar tudo que nos possa separar e combater a todos que nos queiram dividir. Unidos venceremos.

Govêrno Condenado a Morte Próxima

Carlos Silva
Curitiba.

DIA A DIA mais claras se tornam as perspectivas de libertação para o povo brasileiro. O atual govêrno, representante do regime de latifundiários e grandes capitalistas servçais do imperialismo yanque, não possui qualquer base popular na qual se possa firmar.

E' por isso um «govêrno» condenado à morte próxima, como diz o recente manifesto do P.C.B.

Hoje, mais do que ontem, está clara a situação. De um lado aparecem os inimigos da nação brasileira e de outro a força crescente do povo, que, dirigido pela classe operária, luta com ardor cada vez maior em defesa de suas próprias reivindicações e pela soberania da pátria.

«São imensas as forças patrióticas e democráticas que se levantam por todo o país contra o atual govêrno de traição nacional e que já compreendem a necessidade urgente de salvar o Brasil da situação calamitosa em que se encontra». Estas palavras do Programa do P.C.B. definem com clareza a situação e se já eram imensas essas forças patrióticas, maiores se tornaram agora, diante dos últimos acontecimentos, diante do último golpe, vibrado contra a soberania do povo, forças até então adormecidas puseram-se de pé.

Nos últimos dias, milhares, milhões de pessoas, deram um salto no seu modo de analisar a situação nacional, salto equivalente a anos de trabalho de paciente esclarecimento. Setores antes iludidos vêm já com precisão o que representa o atual govêrno.

O inimigo principal do povo brasileiro ficou colocado a nu diante desse povo. O imperialismo americano foi identificado como o responsável pelos trágicos acontecimentos e pelo golpe praticado contra a Constituição. Contra o imperialismo yanque volta-se, justa e mercêdamente, o ódio popular.

Os mais descarados lacaios do imperialismo yanque, como Lacerda e Chateaubriand, foram caçados pelas ruas. Isso significa que milhões de pessoas despertaram, nestes últimos dias, para a luta patriótica contra o govêrno de lacaios do imperialismo norte-americano que assaltou o poder.

Essas novas camadas despertadas deverão ter suas novas posições políticas consolidadas. E' por isso necessário que nós comunistas re-

dobremos nossos esforços na divulgação e explicação do Programa, redobremos nossos esforços na tarefa de construir a frente democrática de libertação nacional.

A atual campanha eleitoral, fornece ao povo uma grande oportunidade para organizar suas forças, para libertar-se para sempre da opressão e do imperialismo norte-americano e da exploração dos grandes capitalistas e latifundiários a ele ligados.

«Barremos o caminho da ditadura yanque» — esta a consignação do P.C.B.

A ela atendem operários e camponeses, o povo brasileiro, acima de quaisquer divergências religiosas ou políticas.

A marcha da revolução brasileira depende da formação desta ampla frente.

Ao povo unido cabe garantir a realização das eleições e impedir a venda do país aos yanques.

O govêrno de Café Filho está com seus dias contados.

Ao povo unido, com a classe operária solidamente aliada aos camponeses à frente, cabe abreviar esses dias.

O Programa é a Voz da Verdade

Por Francisco Braz de Godói
(Fortaleza)

O povo brasileiro e os trabalhadores estão tomando conhecimento do Programa do Partido Comunista do Brasil. O Programa está sendo lido e já está na consciência de muitos. No Nordeste, principalmente, onde o povo com seus inenarráveis sofrimentos vive na extrema miséria, já não se acredita mais em promessas. O povo vê no Programa do Partido o único caminho para a sua salvação.

Só os parasitas da vida é que procuram negar a verdade do Programa, esse documento científico baseado no marxismo-leninismo. O Programa é a expressão da

verdade e é o instrumento para a solução dos problemas do nosso povo e a libertação nacional de nossa pátria.

O Programa do P.C.B. é o resultado do estudo, das experiências dos embates travados pelas amplas massas em defesa dos princípios da liberdade e do bem-estar social por que lutam e estão lutando inúmeros povos semicoloniais e dependentes como o nosso. Os últimos acontecimentos não modificam mas, sim, reforçam cada vez mais a sólida estrutura do Programa que, entre outros méritos, tem o de ser feito inclusive com a colabo-

ração do povo com suas críticas e sugestões.

A grande aceitação do Programa é um fato muito importante e vem causando um grande desespêro nos setores da reação estependiada pelos imperialistas norte-americanos, fato que, aos olhos do povo aparece já como um sinal de fraqueza dos opressores. Um Programa tão bem ajustado à realidade brasileira, merece de fato a repercussão que vem tendo através da leitura por milhares de amigos. Com toda a sua verdade o Programa retrata a grandeza de devoção, de amor, de amizade, de despreendimento, dos camaradas que o elaboraram em benefício do nosso povo e das massas sofredoras, destacadamente a figura querida de Prestes, glória de nosso povo, glória de todos os povos.

O Programa do P.C.B. sem sectarismo, sem exclusivismo, num gesto democrático convida a todos para a grande luta de libertação nacional, luta essa em que se empenharão, unidos, os operários, os camponeses, a pequena burguesia e a burguesia nacional não ligada aos interesses dos imperialistas norte-americanos. O caminho que tem a seguir o povo brasileiro é o mesmo pelo qual seguiu o audaz povo chinês e o Programa mostra isso de maneira bem compreensível. Nosso povo marcha para a democracia popular.

«A classe operária — diz Liu Chão-Tai — deve se unir a todas as classes para conquistar a independência nacional e a democracia popular, deve se unir a todas os partidos e grupos, aos camponeses, a todas as organizações e todos os que desejam lutar contra o jugo do imperialismo e seus lacaios, tudo isso à base de uma frente única do povo». Essa foi a velha tese leninista pela qual se guiou o genial Máo-Tsé-Tung dando a vitória ao povo de sua pátria.

Na aplicação do Programa devemos marchar seguramente, sem cometer erros, uma vez que estes abalam o prestígio dos comunistas. Ao distribuírmos o Programa, devemos, ao mesmo tempo debater seu conteúdo com as massas. E' fácil ler o programa num ajuntamento de 30 a 40 pessoas, pedindo ao mesmo tempo que cada um dê sua opinião. Por outro lado a imprensa é um meio fundamental para divulgar o Programa. As perguntas e respostas muito têm auxiliado na compreensão do Programa. No entanto, a tiragem de nossa imprensa é ainda muito pequena em relação à grande massa de leitores e é preciso aumentar a circulação de nossos jornais.

A ISKRA, fundada por Lênin, iluminou as trevas da Rússia czarista, mostrando aos camponeses os motivos de sua miséria, inculcando-lhes a consciência e o dever de lutar por sua própria libertação.

O Programa é a grande bandeira para todas as reivindicações e, principalmente no momento, é uma poderosa arma para a eleição dos candidatos populares através do voto consciente.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

A Luta Comum de Comunistas e Trabalhistas e a Frente Democrática de Libertação Nacional

Pergunta: Será que a união dos comunistas e trabalhistas representa a frente democrática de libertação nacional ou se justifica apenas como uma aliança para a luta contra este govêrno americano do sr. Café Filho?

(J. Francisco Castro — D. Federal)

RESPOSTA: O leitor encara a questão de um modo falso, não se trata nem de uma coisa nem outra.

O camarada Prestes, em seu artigo «Comunistas e trabalhistas ombro a ombro na luta contra o inimigo comum», escreve o seguinte: «Só a classe operária unida pode dirigir vitoriosamente a ação organizada do povo, de todas as forças progressistas e antiimperialistas, contra o inimigo norte-americano e seus agentes e lacaios em nossa terra. Mais do que nunca é indispensável que trabalhistas e comunistas, que constituem as duas maiores e mais poderosas correntes do movimento operário em nosso país, unam suas forças, estreitem-se fraternalmente as mãos na luta comum contra o inimigo comum».

Assim, a ação unida dos comunistas e getulistas representa um importante passo na construção da frente única antiimperialista e antifeudal porque contribui para fortalecer ainda mais a unidade da classe operária. E a classe operária é a força dirigente da frente democrática de libertação nacional e, juntamente com os camponeses, forma a base desta. Além disso, é preciso considerar que, como dizia o camarada Prestes em seu informe «Sobre o Programa do P.C.B.», «para avançarmos no caminho da frente democrática de libertação nacional, precisamos lutar pela unidade de ação em todos os terrenos, por ampliar e fortalecer a ação comum com as massas levas as organizações de massas já existentes», getulistas contra o imperialismo norte-americano e seus agentes do govêrno de Café Filho e em defesa das reivindicações mais sentidas do povo, significa um poderoso impulso para a unidade de ação de todos os patriotas?

As portas do Partido Comunista do Brasil estão abertas de par em par para todos os trabalhadores que queiram lutar pelo Programa do P.C.B. e aceitem os Estatutos do Partido. Mas isso não significa que para que comunistas e trabalhistas marchem juntos estes terão necessariamente de abandonar o P.T.B. e ingressar no P.C.B. Diz o camarada Prestes, em seu último artigo, referindo-se à união dos comunistas e trabalhistas: «Para marcharmos juntos contra o inimigo comum não precisamos renunciar a nossas crenças e opiniões pessoais, ou abandonar os partidos políticos a que pertencemos».

O essencial é a luta comum em defesa dos supremos interesses da pátria e do povo. E' com essa ação comum que vamos construindo o instrumento indispensável para realizar as transformações democráticas de que o Brasil necessita e libertar nossa pátria do jugo dos monopólios yanques: a frente democrática de libertação nacional. As formas de ação comum entre comunistas e trabalhistas podem ser as mais diversas. Existe, porém, um modo concreto de realizarmos essa luta comum através do movimento patriótico, apartidário, da Liga da Emancipação Nacional. «E' entrando para os núcleos da Liga da Emancipação Nacional — diz o camarada Prestes — nas fábricas e nas fazendas, nos bairros e povoados, reforçando suas fileiras, que concretamente marcharmos ombro a ombro, trabalhistas e comunistas, juntamente com os patriotas de outras opiniões políticas, na luta contra o jugo do imperialismo norte-americano e pela independência nacional.»

A frente democrática de libertação nacional significa uma ampla e poderosa frente-única de todas as forças antiimperialistas e antifeudais. Para ela acorrem — ao lado dos operários e camponeses, sua força principal e sua base — a intelectualidade, a pequena-burguesia e a burguesia nacional. E essa frente-única se vai forjando através das lutas em comum pela independência nacional e as liberdades democráticas, lutas que ganharão um impulso ainda maior com a ação conjunta dos comunistas e trabalhistas contra o govêrno de traição nacional do sr. Café Filho.

ESTOU DE ACÓRDO COM O PROGRAMA DO P. C. B.

Recebemos a seguinte carta:

Chamo-me Leovigildo Rozendo. Nasci no dia 20 de agosto de 1903 em Jacaré, município de Taperoá, na Bahia. Filho de camponeses sem terra, fui em 1915 para Valença, no mesmo Estado, aprender o ofício de carpinteiro. Em 1919, fui trabalhar na Construção do Hospital de Canela. Em 1924 já eu simpatizava com Luiz Carlos Prestes. Em 1925 fui para o Estado do Espicito Santo trabalhar em melhoramentos da cidade. Em 1926 entrei para o Partido de Prestes. Tendo sido várias vezes tor-

turado em minha vida, sofrendo prisões, invasões em minha casa, ameaçado de ser fuzilado, aqui estou graças aos companheiros do P.C.B. que têm sabido me defender das garras da policia. Estou de acôrdo com o Programa do Partido Comunista do Brasil, que exprime a verdade sobre a situação do Brasil e indica o caminho para resolver nossa situação. Pois Taperoá só tem nome de cidade, tão abandonada é. Não tem vapor marítimo, não tem desenvolvimento agrícola, nem pastoreil, não possui fábrica, nem hospital e aqui não se constrói.

OS 45 PONTOS DO PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

O Partido Comunista do Brasil exigirá que o governo democrático de libertação nacional, surgido da luta libertadora de nosso povo, realize e consagre em leis as seguintes transformações democráticas e progressistas na estrutura econômica e social do Brasil:

POLÍTICA EXTERNA E DEFESA DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

- 1 — Anulação de todos os acordos e tratados, lesivos aos interesses nacionais, concluídos com os Estados Unidos.
- 2 — Confiscação de todos os capitais e empresas pertencentes aos monopólios americanos que operem no Brasil e anulação da dívida externa do Brasil com o governo dos Estados Unidos e os bancos norte-americanos.
- 3 — Expulsão do Brasil de todas as missões militares, culturais, econômicas e técnicas norte-americanas.
- 4 — Relações amistosas e colaboração pacífica com todos os países, especialmente com os países capazes de colaborar com o Brasil sem qualquer discriminação, na base de plena igualdade de direitos e de mútuos benefícios.
- 5 — Adoção de medidas que favoreçam a manutenção de paz. Proibição da propaganda de guerra e punição para os propagandistas de guerra.

REGIME POLÍTICO DEMOCRÁTICO-POPULAR

- 6 — Soberania do povo — o único poder legítimo é o que vem do povo. Será abolido o Senado Federal. O Congresso Nacional, constituído pelos representantes eleitos pelo povo, exerce o poder supremo do Estado. Todos os órgãos do novo regime, dos inferiores aos superiores, serão eleitos pelo povo. Aos eleitores cabe o direito de cassar a qualquer momento o mandato de seus representantes.
- 7 — O Presidente da República será eleito pelo povo e o seu mandato terá a duração de quatro anos. Governará por intermédio de um Conselho de Ministro responsável perante o Congresso Nacional.
- 8 — Todos os cidadãos que tenham completado 18 anos de idade, independentemente de sexo, bens, nacionalidade, residência e instrução terão direito a eleger e ser eleitos. Gozarão destes mesmos direitos os analfabetos, bem como os militares de qualquer graduação, inclusive os soldados e os marinheiros. Será assegurada a representação proporcional dos partidos políticos em todas as eleições.
- 9 — Os Estados, Municípios, Territórios Federais e o Distrito Federal terão autonomia política e administrativa com a eleição pelo povo de todos os órgãos do Poder.
- 10 — É assegurada a inviolabilidade da pessoa humana e de domicílio. Ampla liberdade de pensamento, de palavra, de reunião, de associação, de greve, de imprensa, de cátedra, de crença e culto religioso, liberdade de movimento e de profissão.
- 11 — Abolição de todas as discriminações de raça, cor, de religião, nacionalidade, etc., e punição aos transgressores. É livre a instrução em língua materna aos filhos dos imigrantes estrangeiros.
- 12 — Separação do Estado de todas as instituições religiosas. O Estado será leigo.
- 13 — Democratização das forças armadas e criação de exército, da marinha e da aviação nacional-populares, estreitamente ligados ao povo, que defendam a paz, a independência nacional e as conquistas democráticas do povo. Os soldados, marinheiros, cabos, sargentos e oficiais gozarão de plenos direitos civis e de liberdade de atuação política e terão asseguradas condições de vida normais e humanas. Livre acesso das praças-de-pré ao oficialato.
- 14 — Completa supressão das organizações policiais de repressão. As policiais militares serão democratizadas e incorporadas às forças armadas nacional-populares. Substituição das demais organizações policiais pela milícia popular.
- 15 — Justiça rápida e gratuita com juizes e tribunais eleitos pelo povo.
- 16 — Abolição de todas as desigualdades econômicas, sociais e jurídicas que ainda pesam sobre as mulheres. As mulheres terão direitos iguais aos homens em caso de herança, casamento, divórcio, profissão, cargos públicos, etc. O Estado dará proteção especial a gratuita à maternidade e à infância.
- 17 — Estímulo às atividades literárias, artísticas, técnicas e científicas de caráter pacífico, com pleno apoio e ajuda do Estado.
- 18 — Proteção e estímulo aos esportes e à educação física do povo. Construção pelo Estado de campos de esportes, ginásios, pistas, estádios populares, etc.
- 19 — Ajuda do Estado à construção de casas para o povo, de maneira a assegurar dentro do menor prazo residência digna e barata para a população trabalhadora.
- 20 — Organização de um serviço de assistência médica a toda a população e criação de postos de higiene em todo o país. Combate sistemático às endemias.
- 21 — Instrução primária obrigatória e gratuita, assegurada pela construção de uma rede de escolas em todo o

país, a fim de liquidar o analfabetismo. O Estado assegurará aos estudantes livros didáticos e materiais escolares a baixo preço. Redução gradativa de todas as taxas escolares. Garantia de emprego para os jovens diplomados nos cursos secundários, técnicos e superiores.

22 — Ajuda e proteção especial às populações aborígenes e defesa de suas terras. Os indígenas terão direito a organização livre e autônoma.

23 — Ajuda do Estado, rápida e eficiente, às populações vítimas pela seca, inundações e outros flagelos, por meio principalmente de concessões de terras produtivas, de máquinas e ferramentas de trabalho, de crédito sem juros e a longo prazo. Assegurar às populações obrigadas a emigrar de seus lugares natais condições que lhes permitam reconstruir seus lares.

24 — Ampla reforma tributária, com a supressão de todos os impostos e taxas injustos, instituição do imposto progressivo sobre a renda e simplificação de todo o sistema tributário. Implantação de controle efetivo sobre os preços medidas práticas contra a inflação e realização de reforma monetária que assegure a estabilidade da moeda nacional.

DESENVOLVIMENTO INDEPENDENTE DA ECONOMIA NACIONAL

25 — Garantia de liberdade de iniciativa para os industriais e liberdade para o comércio interno. O governo democrático de libertação nacional não confiscará as empresas e os capitais da burguesia nacional. Entretanto, serão confiscados e nacionalizados os capitais e empresas dos grandes capitalistas que traírem os interesses nacionais e se aliarem aos imperialistas americanos.

26 — Defesa da indústria nacional. Impedir que os produtos estrangeiros importados, especialmente dos Estados Unidos, possam prejudicar as indústrias já existentes no Brasil ou dificultar a criação de novas. Assegurar o livre desenvolvimento da indústria de paz.

27 — Desenvolvimento independente da economia nacional e preparo das condições para a industrialização intensiva do país com a utilização dos capitais e empresas confiscados aos imperialistas americanos. Para o mesmo fim atrair a colaboração de capitais privados, aos quais serão garantidos lucros e a defesa de seus interesses, segundo lei especial.

28 — Regulamentação do comércio externo para a defesa da produção nacional. Abolição de todas as restrições injustas que dificultam a importação de máquinas e de matérias-primas estrangeiras necessárias ao desenvolvimento da economia nacional.

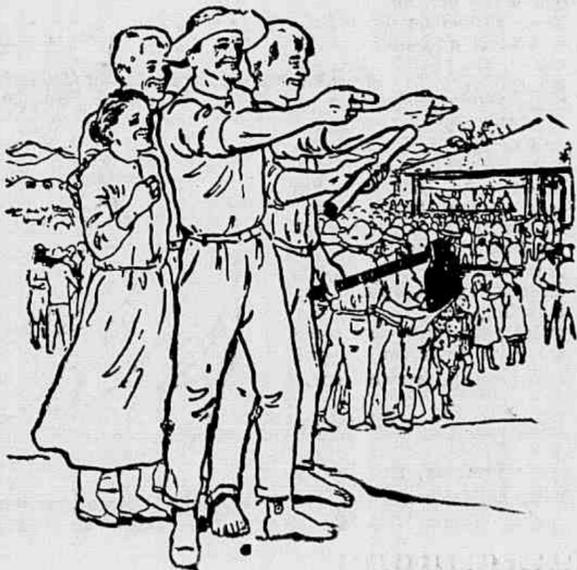
29 — Ajuda pelo Estado aos artesãos e a todos os produtores pequenos e médios por meio de concessão de créditos, facilidades para aquisição de matérias-primas em fornecimento de máquinas e instrumentos de trabalho.

30 — Atrair a colaboração de governos e capitalistas estrangeiros, cujos capitais possam ser úteis ao desenvolvimento independente da economia nacional, sirvam aos interesses nacionais e à industrialização do Brasil e submetam-se às leis brasileiras.

MELHORIA RADICAL DA SITUAÇÃO DOS OPERÁRIOS

31 — Fixação do salário-mínimo vital que assegure condições de vida normais e humanas para os operários e suas famílias em todo o país. Salário igual para igual trabalho, sem distinção de sexo, idade ou nacionalidade.

32 — Aplicação efetiva da jornada de trabalho de 6 horas e da semana de 44 horas para todos os trabalhadores. Jar-



nada de 6 horas para os que trabalham no subsolo ou em profissões insalubres e para os menores.

33 — Democratização da legislação social, sua ampliação e extensão aos trabalhadores das empresas estatais e aos assalariados agrícolas. Os sindicatos fiscalizarão a justa aplicação da legislação social.

34 — Garantia da livre organização, e do livre funcionamento das organizações sindicais. Os sindicatos terão o direito de realizar livremente contratos coletivos de trabalho com as empresas privadas e estatais e de fiscalizar a sua execução.

35 — Assistência e previdência social por conta do Estado e dos capitalistas em todas as formas, incluindo os desempregados. Aposentadoria e pensão, bem como auxílio aos acidentados no trabalho de acordo com as necessidades vitais dos trabalhadores e suas famílias. Administração e controle dos Institutos e Caixas de Aposentadorias e Pensões pelos sindicatos.

36 — Abolição das formas de trabalho forçados, das leis de militarização do trabalho, e de todas as multas, inclusive por motivo de falta ao trabalho.

REFORMA AGRÁRIA E AJUDA AOS CAMPESES

37 — Confiscação de todas as terras dos latifundiários e entrega dessas terras, gratuitamente, aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos que nelas queiram trabalhar, para que as repartam entre si. A divisão das terras será reconhecida por lei e a cada camponês será entregue o título legal de sua posse. A lei reconhecerá as posses e ocupações de terras, tanto dos latifundiários como do Estado, anteriormente realizadas pelos camponeses, que receberão os títulos legais correspondentes.

38 — Abolição de todas as formas semifeudais de exploração dos camponeses: meação, terça e todas as formas de prestação de serviço gratuitos, abolição do vale e barracão e obrigação do pagamento em dinheiro a todos os trabalhadores agrícolas.

39 — Garantia de salário suficiente aos assalariados agrícolas, não inferior ao dos operários industriais não especializados, como também garantia de terra aos que a desejarem.

40 — Garantia legal à propriedade dos camponeses ricos. Tanto a terra cultivada por eles ou por assalariados agrícolas, como suas outras propriedades, serão protegidas contra qualquer violação.

41 — Anulação de todas as dívidas dos camponeses para com os latifundiários, os usurários, os bancos, o governo e as companhias imperialistas norte-americanas.

42 — Concessão de crédito barato e a longo prazo aos camponeses para a compra de ferramentas e máquinas agrícolas, sementes, adubos, inseticidas, construção de casas, etc. Ajuda técnica aos camponeses. Estímulo ao cooperativismo.

43 — Construção de sistemas de irrigação particularmente nas regiões do Nordeste assoladas pelas secas, de acordo com as necessidades dos camponeses e do desenvolvimento da agricultura.

44 — Abolição de todas as restrições ao livre trabalho dos pescadores. Ajuda pelo Estado aos pescadores por meio da concessão de crédito para a construção de casas, entrepostos, etc., e fornecimento de instrumentos e embarcações para a pesca.

45 — Garantia pelo Estado de preços mínimos para os produtos agrícolas e pecuários necessários ao abastecimento da população, de modo que permitam aos camponeses desenvolver suas atividades econômicas e aumentar a produtividade de suas terras, sem deixar de defender ao mesmo tempo os interesses da grande massa consumidora.

«Eu fui Vendido Como Escravo»

Nordestinos vendidos ao correr do martelo no Triângulo Mineiro e Sul de Goiás

PEDRO Rafael de Lima, nordestino de 42 anos, vive sempre sorrindo com os seus dentes muito alvos, mas o rosto é todo marcado de sulcos, rugas de muito sofrer, tal e qual uma terra abandonada ao lento e poderoso trabalho da erosão. Natural do Rio Grande do Norte, destaca-se um pouco, pela estatura, dos demais camponeses do Nordeste. Vestia um terno surrado, uns sapatos gambetas. Desembaraçadamente procurava conversar com todos os que dele se aproximava. Na II Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, recém-realizada em São Paulo, Pedro Rafael de Lima, embora nordestino, fazia parte da delegação do Triângulo Mineiro.



Pedro Rafael de Lima, retrante do Rio Grande do Norte, que foi vendido como escravo ao latifundiário Vasco, proprietário da Fazenda das Flores, no município de Canópolis, no Triângulo Mineiro.

Apesar de mais ou menos jovem, fala Pedro Rafael, com amarga experiência, sobre o muito que viveu, viu e penou pelas estradas e fazendas. Fala com vivacidade e colorido. De vez em quando, olha-nos com aqueles olhos rasgados e brilhantes, como que nos perguntar se estamos tudo entendendo. Conheceu o horror da seca, a angustiada viagem num pau-de-arara. E como se nos contasse algo de muito conhecido e natural, diz simplesmente, sem alterar a voz:

— Eu também fui vendido como escravo...

Pedro Rafael de Lima, agora morador na Fazenda do Indaiá, em Córrego da Areia, Centralina, Minas Gerais, é uma prova eloqüente e viva do repugnante comércio de seres humanos, o qual até hoje persiste em menor ou maior escala no interior do Brasil, e constitui uma vergonha que só a cólera do povo há de lavar para sempre.

Um mercado de carne humana

Nos últimos tempos, em virtude das secas e da miséria que leva ao desespero milhões de homens da roça, tomou-se novo incremento e adquiriu várias formas, envolvendo muitos Estados, o tráfico de escravos. No Triângulo Mineiro a operação de compra-venda de trabalhadores do campo se processa livre de disfarces. Como se estivessemos antes de 13 de Maio, levas de nordestinos são negociadas ao correr do martelo em Ituiutaba, Canópolis, Capinópolis, Centralina, Tupaciguara e outros centros fornecedores de mão-de-obra, servil aos latifundiários do Triângulo e Sul de Goiás.

Atualmente os donos de caminhão, ligados por esse infame negócio aos grandes senhores de terra, fazem as vezes dos antigos negreiros cujos navios iam à Costa d'África. Não é preciso hoje ir tão longe nem atravessar o oceano. As caatingas e as chapadas que de ano para ano se transformam em desertos, abastecem os modernos traficantes, proporcionam-lhe os seres necessários ao degradante comércio, os cativos da fome e da pobreza rural.

Os donos de caminhão, chegados ao Nordeste, convidam os flagelados crônicos, os miseráveis, os que nada têm de seu, a irem para o Sul, onde — segundo asseguram — a vida é melhor. Ninguém precisa ter dinheiro para a viagem. Tudo é de graça. Assim, conseguem trazer os carros apinhados. Ao voltarem, organizam-se frequentemente uma espécie de leilão. Os fazendeiros escolhem: «Quero este; quero aquele». Compram a tanto por cento, conforme as despesas do transporte e outras feitas com a respectiva mercadoria. Depois, os nordestinos têm que trabalhar na maior

escravidão até pagar a sua dívida e assim conseguirem a alforria. Alguns não o conseguem nunca.

Hoje o Triângulo Mineiro se transformou em um só e imenso mercado de gente.

Promessa e realidade

Pedro Rafael de Lima, bom trabalhador, ganhava 30 cruzeiros por dia em sua terra. Vele a seca, mas ele não perdeu o trabalho. Só que aumentou muito e muito a carestia. Nem se fala nos gêneros. Uma lata de água passou a ser vendida até por 20 cruzeiros.

— Sai do Rio Grande do Norte — relata Pedro Rafael — em outubro do ano passado, em cima de um pau-de-arara. O proprietário do caminhão que me trouxe, se chama Chico Binha, morador em São Vicente, lá mesmo no Rio Grande do Norte. Eu estava ganhando 90 cruzeiros em três dias. Ele disse que no Sul eu ia ganhar 80 por dia e o extraordinário era o que a minha força consentisse.

Os olhos de Pedro Rafael refletem uma infinita tristeza, a tristeza do camponês sem terra, sempre sujeito aos azares do tempo e à maldade de alguns homens. Continua ele, num jato só, como quem desabafa:

— Eu não paguei nada pela viagem. O dono do caminhão já tem contrato com os fazendeiros do Sul para não cobrar nada, a fim de que o pessoal fique escravizado. As vezes acontece que um camarada não pode viajar porque, lá no Norte, está devendo uma conta antiga ao dono da terra. O proprietário do caminhão pergunta nesse caso quanto é a conta. Adianta até dez mil cruzeiros, que sejam. Assim o camarada ainda fica mais escravizado. Viajamos dez dias e dez noites. Comendo alimento de 24 em 24 horas; feijão com arroz cozinhado em uma panela só, tudo misturado. Muitos se enlouquecem na viagem. No caminhão de Chico Binha já tem morrido gente.

Em fila como gado

Prossigue Pedro Rafael contando como chegou à Fazenda das Flores, município de Canópolis, no Triângulo Mineiro. Essa imensa propriedade agrícola pertence a um certo Vasco, dono tam-

bém de muitas empresas, inclusive sócio de uma companhia de aviação.

Eraram 11 horas da manhã. Chico Binha pediu que todo o pessoal — 46 homens e mulheres, fora quatro ou cinco criancinhas — ficasse amontado defronte à casa de Edmundo Barão.

Edmundo Barão é um forte lavouista, associado ao tal de Vasco. Possui tratores, colhedeira, e seu poder se estende sobre 16 mil alqueires cada.

— Esse Edmundo Barão — diz Pedro Rafael — é quem me comprou, e comprou oito caminhões de gente ainda este ano, só por intermédio de Chico Binha. Binha pediu que a gente ficasse em fila defronte à casa do Edmundo. Esperamos meia-hora. Ai disseram: «Vem ele.» O dono do caminhão cumprimentou-o. Ele mandou eu reunir o pessoal. Existe até um corredor. O pessoal foi colocado em fila e passou pelo corredor para Edmundo contar, como se fosse cavalo ou porco. Eu fui vendido por 850 cruzeiros. Houve camponeses vendidos até por 1.600 cruzeiros. Em outras ocasiões, o preço é muito superior. Nós fomos mercadorias baratas.

Sem liberdade até le conversar

— Trabalhei dias e dias nessa Fazenda das Flores. Até hoje não sei quanto ganhava por dia, isto é, quanto — depois de descontado o comer e outras despesas —, era abatido cada dia em minha dívida. Ficamos todos trabalhando numa escravidão medonha. A fazenda é cercada de jagunço. No primeiro dia nós tivemos liberdade de conversar um com o outro, trocar idéias. No outro dia, quando o feitor nos chamou para irmos para o serviço, ele disse que a ordem era trabalhar calado, que ninguém podia falar com o outro. Foi falar, me separaram para um serviço pior.

Regime de cativo

— Ficamos trabalhando nesse cativo — continua Pedro Rafael. Comida era

feijão com molho de mamão verde ralado, e arroz. Carne nunca se viu. A água de se tomar era ruim. Dormida, no chão forrado de capim. Nem um saco não tinha para forrar o capim. A gente dormia ali como se fosse porco. Essas camas se chamavam «chatao». Dormiam trinta homens amontoados. A cobertura era de capim; quando chovia, tudo molhado. O horário do trabalho era o mais puxado. As quatro horas da madrugada batia um pedaço de ferro para a gente acordar. Davam um café pequeno, ralo, para cada um. Café puro, e não se podia repetir. As cinco horas começava o trabalho de arrancar tóco, trabalho de exaustão e machada. Ia até seis horas da tarde, só com quinze minutos para o almoço, lá mesmo no cabo da enxada, como se diz.

Sob a ameaça do trabuco e do rélio

— Dezoito companheiros meus adoeceram devido às comidas e ao regime. Fugir era quase impossível. Eu mesmo pensei. Mas se o companheiro foguei; jagunço vai atrás e só traz de volta a maleta. Diz que não encontrou o camarada. O lugar todo é cheio de cruz. Fugiu um companheiro meu. Bateu 25 léguas para Uberlândia, pelos matos, a pé, comendo abacaxi verde pelo caminho. Em Uberlândia começou a trabalhar. Um dia, o Edmundo viu ele, pegou e entregou para a polícia. Estive três dias preso, apunhou muito, ficou doente. Lá existe o hábito: se o camarada foguei, é agarrado e entregue à polícia, recebe uma pancada por 10 tostões de sua dívida. 10 tostões, uma pancada; mais dez tostões, outra pancada. Imagine quem deve mais de conto de réis. Alguns têm morrido. Dizem por lá que a polícia é que recebe o dinheiro das dívidas. Cobra na borra-cha... E' assim.

Suplicio igual ao «tronco»

De repente, Pedro Rafael se interrompe, e joga a ca-



Virginia Artigas desenhou o retrato de Pedro Rafael de Lima no próprio recinto da Conferência

beça para traz, como que procurando lembrar-se em todos os detalhes algo muito doloroso. Sabemos de ouvir falar ou de ler nos livros de História, o que era o suplício do «tronco», ao qual os escravos ficavam presos quando calam no desagrado do senhor. Pois Pedro Rafael nos fala de um tormento muito semelhante, em plena metade do século XX:

— Havia na Fazenda das Flores um jagunço chamado Nassico, que era o chefe dos jagunços. Ele pegou cinco nortistas naturais da Serra do Colité, e amarrou-se numa árvore. Só soltou um dia depois. Ficaram sem comer, pegando chuva, frio e sereno. Isto por causa de um zum-zum que ouviam dentro do «chatao» e foram contar para o Nassico.

Vigiados e roubados

— Lá na Fazenda — prossegue Pedro Rafael — ninguém tinha licença para sair. Quando era preciso pôr uma carta no correio, depois de muito pedir consentiam que o camarada fosse até o lugarajo mais perto. Mas o camarada era sempre acompanhado de um vigia armado, para impedir que fugisse. Em vista dessas coisas e depois do caso que se deu com os nortistas da Serra do Colité, eu resolvi ir embora. Foi pedir minha conta. Eu tinha trabalhado tanto, e eles disseram que eu ainda estava devendo. Para ir embora, ficaram com dois pares de roupas minhas. Além disso, lá me roubaram uma caneta e um relógio no valor de 1.200 cruzeiros. Não tinha ninguém para me queixar. Mas afinal estava livre.

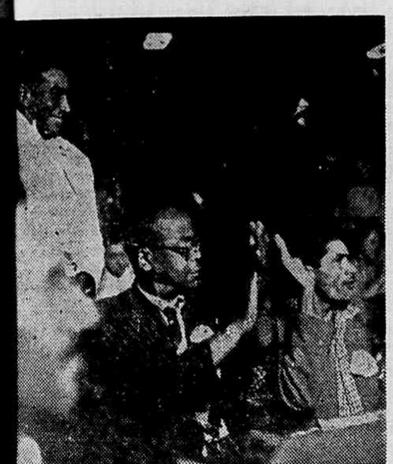
Do ruim para o pior

— Da Fazenda das Flores fui para a Fazenda do Pontal, pertencente a Abron-



Os jagunços do latifundiário não encam os fugitivos do campo. Costumam voltar com a mala das vítimas, por não encontrar os homens. A mala é exposta no acampamento da conferência. (Desenho de J. Brandão)

Bento de Carvalho, no sul de Goiás. Lá é pior. Tem nortista devendo até trinta contos e ganhando só 25 cruzeiros por dia. O que me nos deve, deve cinco contos. Estes nunca vão ficar livres. De um lado dessa propriedade, fica o rio Vedado; do outro, o rio dos Bois. A fazenda é aquela ilha ali no meio. Mais difícil ainda, fugir! O alimento é arroz cozido com feijão e papa de mandioca. Um dia o feijão está cru; outro, salgado de mais, ou insosso. Gordura não se conhece. Uns 100 nortistas ali trabalham escravos. Ainda bem que quando entrel, não levei de vida nenhuma, e assim pude sair pouco depois. Lá um rapaz fugiu. Trouxeram a mala dele. A mala ficou de pendurada, servindo de exemplo para os outros. De vez em quando, um jagunço apontava e dizia: «Olha o que acontece com quem pensa fugir.»



Na camisa xadrez, Pedro Rafael de Lima aplaude o orador. Foi num dos intervalos da Conferência que prestou seu depoimento à VOZ OPERÁRIA

Pedro Rafael se levanta. Estávamos ao fundo da sala onde se realizava a II Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, e o homem vindo chamar para tomar parte nos trabalhos da sessão dos Assalariados. Entretanto, antes de embor-se ele ainda de caso: Nessa Fazenda do Pontal havia um nortista, do Pará. Ele trouxe-

ORA SOBRE OS CAMPOS

— Meu amigo. Vemo-lo afastar-se vagarosamente, segurando uma pasta com o timbre da II Conferência. Perde-se no meio dos demais delegados, com representantes eleitos como ele nas conferências de fazenda e município. Ele, um homem que já última gota de sangue pelos latifundiários, juntou-se há poucos meses a outros e pôs ombro, pela posse da terra, na luta da dignidade de homens livres. Foi enviado à de trabalho, de infortúnio e de luta. Lembramos-nos de que nos declarou, num momento de conversa:

— Antes nós éramos escravos, gente não sabia como fazer para pôr um paradeiro naquele sofrimento sem fim até acabar essa desgraça.

Hoje, no meio da luta que vem surgindo sobre os campos, entre organizam e resistem de norte a sul do país, encontra-se também, com seu braço de Lima.

NO AMBULATÓRIO DA II CONFERÊNCIA NACIONAL DE TRABALHADORES AGRÍCOLAS

Cada Consulta, Uma Acusação Aos Crimes dos Latifundiários

A PERMANENTE assistência médica aos 322 delegados à II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses não foi um simples requisito de organização ou uma prudente medida de previdência para atender algum caso isolado que porventura surgisse, reclamando socorros médicos. Para isso não seria necessário manter durante toda a Conferência um ambulatório provido de farmácia e atendido por médico e duas enfermeiras. Seria suficiente, por exemplo, o plantio permanente observado pelo SAMDU (Serviço de Assistência Médica Doméstica de Urgência), com farmácia e enfermeiros, que permaneceu no local da Conferência, das 8 às 23 horas, durante os seus três dias de funcionamento.



O dr. Burza acrescenta mais uma observação ao seu registro clínico enquanto outro camponês é auscultado

A Conferência foi preparada através de dezenas e dezenas de reuniões, assembleias e conferência em todo país. A ajuda da classe operária contribuiu para que assumisse o máximo relevo a experiência e a vontade dos próprios camponeses. E não há um só camponês em nosso imenso país que não sinta a necessidade duma consulta médica. O médico tem um papel da maior importância a desempenhar na mobilização e organização da massa camponesa que desperta para a luta e está privada pelos latifundiários dos recursos de uma vida higiénica e civilizada. O posto médico foi um elo de grande valia no quadro da organização da Conferência. Não atuaram desveladamente, o dr. João Beline Burza e as enfermeiras Antônia Maria da Silva, enviada pela Federação de Mulheres e Esmeralda Gomes, do Sindicato dos Gráficos.

Cada consulta, uma acusação ao latifúndio

O ambulatório médico da Conferência foi instalado numa peça ampla e luminosa, ao lado do grande auditório do Palácio das Indústrias, no parque da Exposição do IV Centenário, de São Paulo, onde se realizou a Conferência. A comunicação entre o ambulatório era direta e constante. Sempre havia ali dezenas de delegados. O ambulatório era um prolongamento da Conferência. Ao lado das denúncias feitas da tribuna, cada consulta, cada diagnóstico era uma acusação inapelável ao latifúndio.

Da tribuna, os camponeses denunciavam a falta de higiene, os casabes infectos e cheios de insetos daninhos, o frio e a fome a que estão sujeitos. No ambulatório ao lado, o médico fraternal e solícito tudo fazia para socorrer sua saúde combatida, para ajudar a resistência de seus corpos feridos e castigados pelo regime selvagem e desumano do latifúndio.

Na véspera, no primeiro e no segundo dia da Conferên-

Trabalhadores do café aplaudem a reivindicação de postos de socorro urgente e farmácia nas fazendas

cia, o ambulatório chegou a atender uma centena de camponeses. Mas no terceiro dia, quando a maior parte do trabalho já estava cumprida, praticamente todos os delegados desfilaram pelo posto médico. Muitos tinham chegado enfermos, outros estavam esgotados pela intensidade do esforço despendido. Mas aqueles homens e mulheres só consentiram em tratar de si mesmos depois do dever cumprido. No último dia da Conferência, foram feitas cerca de 300 consultas no posto médico e em consultórios de especialistas

de São Paulo, que também prestaram seu concurso à Conferência. Muitos camponeses aproveitaram todos os momentos de folga para ajudar os serviços do ambulatório.

Os camponeses foram em busca de exames clínicos, de orientação médica. Revelavam casos de companheiros e familiares e pediam conselhos ao dr. Burza.

Os milhões de camponeses não suor e energia, que os latifundiários e os imperialistas exploram e sugam. Mas não há mais ninguém que possa esgarar seu ânimo de luta e abafar sua confiança em dias m'lhores. O pequeno sítiante de Mandaguaguá, no Paraná, conta como o governo condena à miséria os plantadores de trigo e desencoraja o plantio. Mas conclui:

— Vamos fazer um novo plantio só para conservar a semente. Pois com toda certeza virá um novo governo que ampare o trabalhador da terra.

O cortador de cana de São Paulo, Nazareno Ciavata, apertando os olhos atrás dos óculos, explica que uma doença está acabando com sua vista, que já perdeu 70% da visão. Mas conclui seu discurso exclamando:

— Estou vivo porque nasci, não porque fugi da luta. Lutando contra a opressão escravista do latifúndio, contra a fome, a miséria e a doença, as massas camponesas marcham ombro a ombro com seus irmãos operários para a conquista de sua libertação. A Conferência lhes abriu largas perspectivas de combate e de vitória. Multiplicou suas forças. Os camponeses não serão mais a vítima inerme e indefesa nas garras dos latifundiários.

A conquista da reforma agrária e da liberdade não se traduzirá apenas em termos de aumento da produção. Ela significará, antes de tudo, a salvação de milhões de brasileiros, um futuro feliz de fartura e saúde para a maioria esmagadora da nação.

«1 — O Brasil é um país imenso e dotado de grandes riquezas naturais. Em seu subsolo existem riquíssimas jazidas de ferro, petróleo, carvão, manganês, ouro e outros minerais; dispõe de terras fértilíssimas e de clima favorável ao cultivo dos mais variados produtos agrícolas; seus extensos vales e planaltos possibilitam a criação de toda espécie de gados. Nosso país possui vastas florestas e grandes reservas hidráulicas que poderiam ser utilizadas para o bem-estar do povo, para a construção de sistemas de irrigação contra as secas e para a eletrificação da economia nacional.

Apesar destas imensas possibilidades, a situação do povo brasileiro é cada dia mais penosa e insuportável. Brasileiros morrem de fome nas estradas do Nordeste e até mesmo nos grandes centros industriais do país. A tuberculose e outras doenças matam ou inutilizam milhões de pessoas. Sem escolas nem hospitais, o povo vive na ignorância e morre ao desamparo. Vivendo num país tão rico o povo brasileiro vegeta na miséria, em consequência da política de rapina dos monopólios norteamericanos e da dominação dos latifundiários e grandes capitalistas brasileiros.»

(Do projeto de Programa do P.C.B.)

Voz dos leitores

OS PESCADORES EXIGEM
O APROFUNDAMENTO DA BARRA

Manoel Batista (Atafona)

ESCRavidÃO E MISÉRIA NAS EMPRESAS DOS MORGANTI DO CORRESPONDENTE — PIRACICABA

E DURA a situação na usina Monte Alegre; contando é possível que muita gente não acredite. Trabalhadores oito horas por dia, com um descanso de 30 minutos para o almoço ou jantar. Os encarregados, porém, não nos deixam almoçar sossegados, pois com quinze minutos nos mandam pegar no serviço.

O salário é de 4,40 por hora, tanto na refinaria como na fábrica de papel e celulose. A situação dos trabalhadores é triste, porque muitos não têm nem almoço. Rapaz solteiro muitas vezes contrata só meia-pensão a fim de poupar algum dinheiro para comprar sapatos, roupas, etc. A pensão é de 600 cruzeiros por mês (arroz, feijão, bife — não vem salada). Pensão especial com salada é 750 cruzeiros. A comida é intragável e muitos jogam fora parte da refeição. Se reclamam, o dono da pensão conta aos chefes. Os operários solteiros dormem em lugar infecto; um casarão que mais parece uma estrebria. O gerente promete dividi-lo em quartos para 4 pessoas, mas até agora ficou em conversa.

Os casados, residentes em casas de usina pagam 240 cruzeiros de aluguel o que é um absurdo, pois são casas velhas e geminadas. A luz elétrica fornecida pela usina é cobrada a 10 cruzeiros por lâmpada; nas casas de 5 lâmpadas pagam-se 50 cruzeiros quando na cidade há uma taxa mínima de 16,50.

A exploração no armazém é grande: macarrão a 9 cruzeiros o quilo e até mais; feijão a 10 e até o açúcar: é vendido pelo mesmo preço que nas casas de negócio da praça. Há um limite entre 800 e 1.100 cruzeiros para os gastos e no fim do mês muitos chefes de família recebem os envelopes vazios com o carimbo «devedor». Uma consulta médica custa 70 cruzeiros.

Não é melhor a situação dos trabalhadores agrícolas que cortam com o folho mais de 1.400 alqueires de cana da usina, além de centenas de alqueires de cana dos fornecedores. Em média estão sendo pagos 35 cruzeiros por 100 feixes de 16 a 18 canas. Um trabalhador corta normalmente 120 feixes e os juntam para o trator pegar e levá-los aos vagões. Mulheres e crianças são mais exploradas ganhando menos ainda, sob o sol e a chuva.

O ESTATUTO E A ASSISTÊNCIA SOCIAL

A vida dos trabalhadores é regulada por um Estatuto. Para fazer compras, consultar o médico, só com o estatuto. Nos dias de semana o silêncio é obrigatório a partir das 21 horas havendo uma guarda noturna para controlar e espelhar os moradores. No Estatuto consta que a casa é gratuita e no entanto os Morganti cobram aluguel.

A assistência social é «garantida» de acordo com o Estatuto, e que é uma farsa. O hospital da Usina é 3 vezes menor que a casa de Lino Morganti; tem 4 ca-

mas para uma população de 4.800 pessoas. E no entanto é difícil ocupá-las pois quando uma pessoa adoecerá de ser examinada por um enfermeiro, este o envia ao chefe da seção a que pertence o doente que então autoriza a procurar o médico. Quando este chega o doente está nas últimas.

A usina não cumpre a lei 9.827 que determina a aplicação, em assistência social, de 2 cruzeiros por saca de açúcar produzida, o que neste ano seriam 706 mil cruzeiros, pois a produção atingiu a 353 mil sacas. Mas o ambulatório só cuida de curativos, etc. Quando um operário precisa ser operado tem de pagar 50 por cento do valor da operação.

Na usina vigora o regime de multas. Com minutos de atraso o operário não pode furar o cartão. Um dia de falta na fábrica corresponde a 5 dias de suspensão e no engenho a 3 dias. Na época de safra não há descanso. Recentemente um rapaz pegou no serviço às 16 horas, e largou às 2 da madrugada, retornando às 6 da manhã. Não chegou a dormir 4 horas... Devido aos baixos salários e às necessidades há quem trabalhe 16 horas por dia. Um operário trabalhou 490 horas para conseguir apenas 2.156,00.

Para não cumprir o salário-mínimo, os Morganti adotam novas formas de exploração. Estipulam diferenças de salários. Estabelecem o salário de 8 cruzeiros por hora para os que moram na cidade e 7 para os que vivem na usina. Falam em descontar 4% nos ordenados para pagar os transportes.

LUCROS FABULOSOS

A Refinadora Paulista S.A., proprietária da usina, é constituída pela família Morganti, tem como diretor-gerente o sr. Fulvio Morganti. Com um capital de 210 milhões de cruzeiros, acrescentando-se as renovações e substituições formadas com os lucros anuais atinge, segundo o balanço de dezembro de 1953 a 329.020.852,00. Os lucros líquidos confessados nesse mesmo balanço são de 47.254.508,90, não incluindo 14.784.460,70 para renovação do capital, que não deixam de constituir lucros. A fábrica de celulose e papel Piracicaba, construída ao lado da Usina Monte Alegre ficou em 106.772.313,00 e nela trabalham mais de 500 operários, sujeitando-se a serem intoxicados e a perder o fôlego pelas exalações de cloro.

Os resíduos dessas empresas — restos de caldo de cana, bagaço cheios de cloro e de ácidos — são lançados através de canais nas águas do rio Piracicaba que banha as terras da usina e são ingeridas pelo povo da cidade Noiva da Colina. Águas contaminadas matam os peixes e também a homens, mulheres e crianças que ficam com amebiose. Os Morganti, em sua sede de lucros prejudicam e exploram não só os operários como a todo o povo — pescadores, criadores, etc.



O SINDICATO

A organização sindical dos operários das usinas de Piracicaba é o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação. Possui mais de 800 sócios, ainda pouco diante dos milhares de trabalhadores do açúcar de Piracicaba. Entretanto, os operários se preparam para participar mais ativamente da vida do sindicato. Os que são sócios convidam outros operários das usinas a ingressarem nele e a lutarem

juntos pela aplicação do salário-mínimo, pelo congelamento dos preços, por aumento de salário e pelo cumprimento da legislação do trabalho e outros direitos dos trabalhadores; para, em vigorosa assembleia, denunciarem a exploração dos patrões como os Morganti que vivem em palacetes enquanto os operários se arrebatam produzindo dia e noite milhares de sacas de açúcar, milhões de livros de álcool, toneladas de bobinas de papel.

POSTA RESTANTE

Estão em nosso poder as correspondências recebidas dos seguintes leitores:

João L. Neves (Aracaju) — Suas sugestões para um jornal da juventude foram encaminhadas.

E. Arruda — Nota sobre o atentado da polícia de Juscelino Kubitschek à Conferência dos Trabalhadores Agrícolas do Triângulo Mineiro.

Joaquim F. Marques — Cópia do discurso de um va-

rejista, pronunciado na Sociedade Comercial União dos Varejistas do Rio Grande do Sul.

Jorge Benitez (S. Paulo) — Apreciações sobre a greve de 2 de setembro em S. Paulo, encarecendo a necessidade de apoio ao Pacto de Unidade.

Jorge Oliveira (Parintins) — Denúncia contra a exploração na Usina de Beneficiamento de Arroz do Posto Agropecuário de Parintins (Amazonas).

5º Aniversário da República Popular da China

TRANSCORREU, a 1.ª de outubro, o 5.º aniversário da República Popular da China, que comemorou o acontecimento, este ano, com a aprovação da nova Constituição. Em nossa próxima edição celebraremos o primeiro lustro da democracia popular na China publicando importantes matérias alusivas a esse acontecimento histórico.

PREÇOS E DEMITIDOS AO RECLAMAREM SEUS SALÁRIOS

PELOTAS, (Do correspondente) — Fatos graves vêm ocorrendo na Granja Liscano, município de Arroio-Grande propriedade da firma Vva. Cel. Pedro Osório S. A. e administrada pelo ex-vereador da U. D. N., Joaquim Monteiro da Cunha. Os mandões da granja, entre outras manobras contra os trabalhadores, vêm surrupiando parte dos seus salários e, quando estes reclamam são presos e demitidos.

Um dos casos se deu com o antigo trabalhador Dêceu Correia que ultimamente vinha trabalhando como empreiteiro, fazendo médias de arroz a razão de um cruzeiro, quantia miserável que mal dá para viver. No dia do pagamento ele dirigiu-se ao escritório para exigir o pagamento de uma dívida antiga de 997 cruzeiros correspondente a igual número de médias. A gerência negou-se a efetuar o pagamento sob a alegação de falta de dinheiro e como ele reclamasse, foram chamados dois brigadões que o prenderam sob as ordens do carrasco Joaquim Monteiro da Cunha. Saído da prisão, onde permaneceu 24 horas, o sr. Dêceu foi demitido sem receber a quantia a que tinha direito.

No mesmo dia em que o empreiteiro foi preso, ocorreu um fato semelhante com um menor de nome Jorge. Tomou cadeia por reclamar contra a falta de dinheiro em seu salário.

Fatos como esses são frequentes na «Liscano». Além desses atentados aos direitos e à liberdade dos trabalhadores, dos quais ressalta a ligação entre os granjeiros e o governo que põe a polícia a serviço do latifúndio e contra os interesses dos trabalhadores, estes são alvo de toda sorte de exploração. Os patrões descontam 24 por cento do salário para pagamento dos miseráveis ranchos de barro onde vivem. Chegam a cobrar 600 cruzeiros de aluguel de uma «esteira», isto é, do rancho, o que vem a ser o preço do aluguel de uma casa na cidade.

Contra esta situação levantam-se os trabalhadores dessa granja, correndo em massa ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pelotas (com jurisdição em Arroio-Grande e Canguçu) para organizar-se a fim de melhor defender seus interesses.

S. João da Barra, no Estado do Rio, fica na desembocadura do Rio Paraíba. Grande parte dos trabalhadores dessa antiga localidade fluminense, vive da pesca não somente no grande rio como no mar. S. João também é um centro marítimo e fluvial. Por mar entra-se em contacto com a capital da República e pelo rio o município se liga com Campos, S. Fidélis, etc.

Outrora, há cerca de 25 anos havia muito trabalho no município. Além da pesca e de transporte por água feito por numerosas embarcações, havia trabalho nas construções imobiliárias. Hoje, porém, não há mais nada disso. Há o desemprego; a situação do povo é de grande miséria.

Por que isso aconteceu? Porque o embarcadouro de S. João foi completamente abandonado. Há 15 anos começaram um serviço de empedramento da barra. Esta ficou baixa não dando entrada nem saída às embarcações.

Os pescadores em número de 250 que vivem nas praias de S. João, Atafona, Grus-

sair e Convivência passam misérias terríveis, pois em geral quando a maré está baixa, a profundidade não vai além de 3 a 4 palmos, o que impede os barcos de saírem. E quando a maré está alta chegando a atingir 17 palmos, a saída para a pescaria só pode ser feita com vento sudoeste. A maré baixa e os ventos contrários reduzem os dias de pescaria. Há meses que os homens do mar ficam 15 a 20 dias sem sair.

Cito o exemplo de um pescador. Há cinco anos construiu uma lancha de pesca; com algumas economias adquiriu um motor mas devido a sua reduzida capacidade teve de retirá-lo não podendo adquirir um mais potente. Sem auxílio das autoridades, sem qualquer ajuda, este homem está parado sem qualquer recurso há muitos anos.

Os pescadores exigem que as autoridades encarem as necessidades da população local, mandando aprofundar a barra. Isto não só melhorará a vida dos que vivem da pesca como dos outros trabalhadores, dos comerciantes, etc.

Nos rebocadores da Wilson & Sons

TRABALHAM 24 HORAS E RECEBEM APENAS 12

Emilio Lopes de Almeida

A empresa Wilson & Sons, em Santos, continua realizando novas tentativas para violar e liquidar com o horário de 8 horas, no serviço de rebocadores do Tráfego Marítimo.

Os exploradores visam sufocar e mesmo desmoralizar os sindicatos e as demais organizações operárias que se batem pelo respeito e pela manutenção das conquistas dos trabalhadores.

Assim, eles mantêm feltos para obrigar os empregados a desenvolver sua atividade, muitas vezes até 24 horas ininterruptas. Grande parte dos homens, embora trabalhando 24 horas, só podem registrar no relógio de ponto 8 horas normais e 4 horas extraordinárias. As restantes 12 horas ficam para a empresa. Com isso os gringos, verdadeiros sanguessugas, aumentam os seus fabulosos lucros.

Os que resistem a trabalhar mais de 8 horas, são ferocemente perseguidos pelos lacaios mantidos na empresa como o tal Francisco Figueiredo, orientado pelo advogado da firma Edson Porchat de Assis; o gerente Mário Duarte e o capitão Corrêa,

reformado da Marinha, este especialmente trazido para servir de carrasco dos operários.

Os trabalhadores embora perseguidos, estão protestando e resistindo contra as manobras dos patrões. Estão de olhos abertos para impedir que a companhia continue a furtá-los. Apela para todos os companheiros do setor no sentido de se unirem e se solidarizarem para fazer respeitar a lei de oito horas e outros direitos que estão sendo prejudicados.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável

Aydano do Couto Ferraz

MATRIZ

Av. Rio Branco, 257, 17.º and. sala 1712

SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.

P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527, sala 48.

Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205, Ed. Saet.

Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.

Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZPERIA

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 60,00

Semestral » 30,00

Trimestral » 15,00

N. avulso » 1,00

N. atrasado » 1,50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

Exemplo de Unidade na Luta Pelo Salário - Mínimo e Em Defesa Das Liberdades

A GREVE dos ferroviários da Leopoldina immobilizou os trens de passageiros e cargas, as oficinas e os escritórios ao longo de todas as suas linhas, no Distrito Federal e nos Estados do Rio, Espírito Santos e Minas Gerais. O número de grevistas — 14.000 — e a extensa área atingida pelo movimento, a unanimidade e a firmeza da parede ante as calúnias, ameaças e violências do governo Café e do Judas Napoleão são fatos que destacam a amplitude e organização do movimento e despertam a entusiástica solidariedade de todos os trabalhadores.



Assim ficaram as gares da Leopoldina, durante os cinco dias da greve. Compostas por pedras, colunas de soldados armados. E sobre as estações desertas o silêncio lembrando que não é com fuzis e baionetas que se põe um trem a andar. Os ferroviários unidos como um só homem venceram o terror do governo americano de Café Filho.

A greve da Leopoldina foi decretada por duas importantes reivindicações: o pagamento imediato dos adicionais e do salário-mínimo. É uma luta pelos direitos vitais dos trabalhadores, contra os salários de fome, pelo respeito às conquistas já obtidas pela classe operária e que o governo dos generais golpistas quer liquidar. Por isso, os bravos ferroviários da Leopoldina contam com o apoio caloroso dos seus irmãos de todas as profissões.

Mas esta greve, que o governo dos estomacadores americanos tachou de «ilegal», é igualmente uma luta ativa e corajosa pelas liberdades democráticas, uma defesa prática do direito constitucional de greve, um combate destemido em defesa da liberdade sindical. Os ferroviários da Leopoldina demonstraram, mais uma vez, a fibra e a disposição combativa do proletariado.

A paciência operária tem um limite

Os ferroviários da Leopoldina esperaram dois anos pelo pagamento dos adicionais, esperaram quatro meses pelo pagamento do salário-mínimo. Em ambos os casos o governo, o dono da Estrada, reconheceu o direito líquido e certo dos ferroviários. Durante esse tempo todo, foram mandados de um ministro a outro.

A cada negação, ante cada trama, aumentava a indignação dos ferroviários. Eles souberam fazer concessões no decorrer da preparação de sua grande luta. Por exemplo, fizeram ciente o governo de que exigiam de imediato apenas que fosse marcado o prazo para o pagamento do que lhes é devido. Nem isso obtiveram, pois Café, Judas Napoleão e os generais golpistas só cumprem prazos marcados pelos americanos para atentar contra o povo brasileiro.

Nessas condições, os ferroviários marcaram, eles mesmos, o prazo. Sua paciência chegou ao fim. Os ferroviários estavam ansiosos por entrar em ação. Na véspera da greve a direção da Estrada mandou capanga arrancar cartazes do Sindicato na estação Barão de Mauá. Os operários enxotaram o

capanga e fizeram uma paralisação de protesto e advertência. O momento estava maduro para deflagrar a ação.

A experiência de luta é patrimônio de todos

Os ferroviários da Leopoldina enfrentaram com serenidade as ameaças de Judas Napoleão. Na violência inominável contra o Sindicato de Carris, com que o fantoche Café pretendia intimidar os trabalhadores, os ferroviários viram que a luta é contra um inimigo feroz, capaz de todos os crimes. Tomaram, portanto, as suas medidas, pois a experiência de luta de qualquer sindicato é patrimônio de todos os trabalhadores.

Os cães de fila dos americanos aceitavam suas metralhadoras para atacar à meia-noite. Mas antes do meio-dia de 23 de setembro já se sabia que os golpistas tinham cortado todas as possibilidades de entendimento. Queriam impedir a greve pela força. Em consequência, o comando de greve foi instalado em lugar seguro, o sistema de estafetas foi rapidamente reajustado e a greve foi deflagrada com 12 horas de antecedência.

Toda a Leopoldina parou,

no Distrito Federal e em três Estados. Os cães policiais tentaram em vão localizar o comando da greve. O movimento foi executado de acordo com os planos — a organização dos grevistas funcionou perfeitamente. O comando não foi localizado pelos violadores da liberdade sindical e do direito de greve — não houve um delator, é exemplar o moral dos lutadores ferroviários.

Sórdidas manobras, ignominiosas violências

A greve da Leopoldina é fonte de ricos ensinamentos para a classe operária. Ela mostra que os trabalhadores nunca tiveram que enfrentar tão vis inimigos como os homens do governo Café. Os vende-pátria não vacilam em cometer qualquer violência.

Os beleguins do americano Café Filho assaltaram o Sindicato. Ferrovários tiveram seus lares invadidos e foram arrastados à força para o trabalho: assim foram violados ao mesmo tempo os lares operários e o direito de greve.

Populares que passavam nas imediações das estações da Leopoldina, especialmente Barão de Mauá, eram sequestrados pela polícia e metidos à força dentro das locomotivas para trabalharem de fogueiras, feito escravos. Os poucos maquinistas que a polícia conseguiu empurrar para dentro das locomotivas trabalharam com sentinela embalada à vista.

E para culminar, o Judas Napoleão decretou a intervenção no Sindicato.

Ao mesmo tempo, o governo fez circular um imundo papel apócrifo, procurando enganar os ferroviários, dizendo que o comando de greve determinará a volta ao serviço.

Nada adiantou. A unidade dos ferroviários não ofereceu brecha ao inimigo.

As primeiras vitórias

Os ferroviários da Leopoldina mostram ao povo como se enfrenta com êxito a polícia de bandido do governo, como se pode obrigar o aventureiro Café e o Judas Napoleão a respeitar os direitos dos cidadãos.

Foi aberto o crédito para o pagamento dos adicionais. É uma vitória não só dos ferroviários da Leopoldina, mas também dos da Rede Ferroviária do Nordeste, da Santos-Jundiaí e da Ilhéus. Em algumas horas de greve já se tinha obtido o que



O terror policial somente assustou os próprios chefes da Leopoldina. Aqui está um deles que só sabia locomover-se esculpido, com medo da própria sombra.

vinha sendo negado há dois anos, o que o Judas Napoleão dissera ser impossível atender.

Depois, Café Filho teve que ceder também no que se refere ao salário-mínimo. Manobrou porque age de má-fé, incluiu ilegalmente o abono de emergência. Mas teve que reconhecer que os ferroviários têm direito ao salário-mínimo. É uma grande vitória.

Pela revogação da intervenção no Sindicato

O próprio governo que

acusou de «subversiva» a greve teve que atender às reivindicações dos ferroviários. Com isso está igualmente por terra qualquer pretexto de intervenção no Sindicato. Por isso a greve, vitoriosa nas reivindicações econômicas, não pode cessar, enquanto não for levantada a interdição do Sindicato, enquanto não for revogada a intervenção ilegal e imoral de Judas Napoleão. São taxativas as palavras do presidente do Sindicato, Demisthodides Batista:

“A encomenda chegou”

Conquistadas as suas reivindicações, os ferroviários da Leopoldina voltaram ao trabalho, depois de cinco dias de greve. No manifesto em que é transmitida a resolução do comando da greve, assinado pelo líder Demisthodides Batista, os ferroviários reconheceram a senha anteriormente combinada. «A encomenda chegou. Voltem ao serviço. Vocês foram realmente dignos». Somente com estas palavras podia ser decretada a volta ao serviço. Por isso, não tiveram nem poderiam ter êxito os documentos falsos forjados pela polícia de Café Filho e do Judas Napoleão.

Os ferroviários da Leopoldina voltam ao trabalho com a vitória. Voltam ao trabalho mais dispostos do que nunca a prosseguir a luta em defesa de seu Sindicato e das liberdades democráticas asseguradas pela Constituição. O Sindicato prosseguirá a luta pelo salário-mínimo e contra a inclusão ilegal do abono de emergência no salário-mínimo, pela libertação dos trabalhadores presos.

A greve da Leopoldina foi um exemplo de unidade de ação dos trabalhadores. Ela obrigou o governo antioperário de Café Filho a reconhecer que são justas as reivindicações dos ferroviários e demonstrou com todo o vigor que os trabalhadores unidos e organizados são mais fortes que seus exploradores.



Eis a democracia do demagogo Café Filho — a locomotiva é transformada em cárcere do ferroviário com sentinela à vista. Mas o terror policial não intimidou os trabalhadores. A greve venceu.

A C.T.B. CONCLAMA:

UNIR TÔDAS AS FÔRÇAS EM DEFESA DAS CONQUISTAS DOS TRABALHADORES

A **Confederação dos Trabalhadores do Brasil**, ante do contínuos atentados aos direitos dos trabalhadores e as ameaças do governo de **Café Filho** visando liquidar as suas conquistas, lançou o seguinte manifesto:

«Trabalhadores! Organizações Sindicais! Companheiros!

O **Governo Café Filho**, por intermédio do **Ministério do Trabalho**, tenta impedir, por meios violentos e arbitrários, a luta dos trabalhadores para melhorar seus salários, aplicar integralmente o salário-mínimo e conseguir o congelamento dos preços dos artigos de consumo popular.

A **invasão do Sindicato dos Empregados em Empresas de Carris Urbanos** do Rio de Janeiro, e a intervenção no **Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina**, nos dias 10 e 20 deste mês, os contínuos atentados ao direito de greve, a **Portaria Ministerial** contra as **Comissões Intersindicais**, são fatos que comprovam a orientação antioperária do governo **Café Filho**.

Estão ameaçados os direitos que os trabalhadores em árduas lutas conseguiram, direitos assegurados na **Constituição** e na **Consolidação das Leis do Trabalho**. Estão ameaçadas igualmente as conquistas obtidas no terreno da **Previdência Social**. A **revogação do decreto 35.448 de 1º de maio de 1954**, anulou vantagens, como a **majoração das pensões e aposentadorias**.

Os **trabalhadores e suas organizações sindicais** são assim duramente atacados. É preciso que os trabalhadores sem distinção de partidos ou ideologias ampliem e reforcem ao máximo sua unidade, fortaleçam seus sindicatos, dêem cada vez maior vigor às **comissões sindicais nas empresas**, à **defesa das reivindicações e dos sindicatos**; que defendam a existência das **comissões intersindicais**, exemplo vivo da unidade e solidariedade operária e prossigam a campanha pelo congelamento de preços dos artigos de consumo popular.

A **Confederação dos Trabalhadores do Brasil** conclama os trabalhadores e suas organizações de classe a protestar e solidarizar-se com os sindicatos já atingidos pelos golpes reacionários do governo, a enviar telegramas, moções e memoriais, exigindo a cessação imediata dessas medidas antioperárias.

Trabalhadores!

Em defesa do **salário-mínimo**, pelo aumento de salários, em defesa dos nossos sindicatos, do direito de greve, da liberdade e autonomia sindicais, da existência das **comissões intersindicais**, do congelamento dos preços dos gêneros de 1ª necessidade, unamos nossas forças, que são maiores e mais fortes que as dos nossos inimigos.

Viva a unidade da classe operária!

Viva a unidade das organizações sindicais nas comissões intersindicais!

Viva o direito de greve!

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1954.

A **DIRETORIA**.

Sem Resposta a Denúncia do Brigadeiro Epaminondas

ATÉ HOJE permanecem sem resposta as denúncias do **brigadeiro Epaminondas Gomes dos Santos**, pondo à mostra uma parte (apenas uma parte) das falcatruas e negociações dos homens do golpe udeno-americano. Permanece em silêncio o **demagogo Café Filho** frontalmente acusado pelo **brigadeiro Epaminondas** de ter proclamado a sua disposição de "reformular a Constituição", na primeira hora do golpe.

Eduardo Gomes aparece como cúmplice de negociações e roubalheiras na **Aeronútica**. Desafiado a abrir um inquérito, foge do espinhoso assunto. A **falsa vestal udenista** responde. E quem cala consente que?

1 - O dinheiro do **Fundo da Aeronútica** não foi recolhido ao tesouro como determina a lei. Esse **Fundo** foi extinto em 23 de agosto de 1946, mas até hoje as verbas continuam sendo irregularmente recolhidas.

2 - Foram construídas casas com material, pessoal e transporte da **Aeronútica**. As verbas do **Fundo da Aeronútica**, ilegalmente depositadas no **Banco Boa Vista** serviam (e servem ainda, é claro) para pagar despesas indevidas e para pagar duas e mais vezes obras dadas prontas e que nem sequer estavam terminadas.

3 - Quando existia o **Fundo**, só ministro da **Aeronútica** poderia recolher suas verbas, no entanto o diretor do **Material** recolheu mais de 250 milhões de cruzeiros. E mais: os empenhos foram criminosamente anulados e restabelecidos com preços aumentados pelos fornecedores, dando enormes prejuízos à nação.

4 - Com esse dinheiro contrataram-se professores de violão para as funcionárias (como se divertiam, como se divertem), pagaram-se indenizações indevidas ao **tubarão Pignatari**, pagaram-se gratificações em dólares a **petroleiros**, quando só a **Marinha** pode ter navios.

Essas denúncias apenas levantam o véu de novos escândalos. Os golpistas recusam-se ao inquérito para que foram publicamente desafiados. Um dos pretextos do golpe americano foi a "moralidade administrativa". Os fatos provam o contrário. Os **filepetas udenistas** são agora os donos da chave do cofre.

O Lacaio Gudin Ante Seus Amos Americanos

A **NOMEAÇÃO** do testa-de-ferro da **Bond and Share**, **Eugênio Gudin**, para o **Ministério da Fazenda** foi recebida com alegria por **Wall Street**, disseram os jornais americanos aplaudindo a escolha de mister **Kemper**. Em seguida veio **Mr. Holland** e aprovou os «planos» do velho laçao dos trustes. Agora, a satisfação dos imperialistas americanos se transforma em gostosas gargalhadas na reunião anual do **Fundo Monetário Internacional**, onde **Gudin** está se comportando como a figura mais hilariante e divertida. As agências americanas são unânimes em acentuar que o ministro da **Fazenda** do golpe desopila o fígado dos imperialistas e seus lacaios.

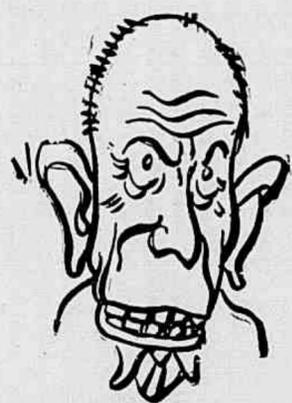
A conta de multiplicar de um entreguista

O discurso de **Gudin** foi um apelo aos monopólios lanques, explicando que eles sucederam aos ingleses na «direção da economia mundial», para que façam inversões cada vez maiores no Brasil. E argumenta: «A renda obtida pelos Estados Unidos no exterior, em 1953, foi muito superior aos capitais exportados. O montante dos juros ganhos pelos Estados Unidos no exterior, em 1953, foi de 2.622.000.000 dólares ao passo que os novos investimentos durante esse ano ascenderam apenas a 1.500.000.000 dólares.»

Que grandes negócios, que ótima oportunidade — só de juros quase o dobro do capital exportado.

Os povos podem verificar por esses dados como são insaciáveis as sanguessugas de **Wall Street**, como são roubados em escala nunca vista. Mas o laçao **Gudin** se espanta com o fato de que, podendo obter lucros tão fantásticos, os imperialistas americanos fazem «doações» que, incluindo o **Plano Marshall**, desde o fim da guerra vão a 40 bilhões, arrancando com essa tirada gargalhadas dos patrões satisfeitos.

O agente lanque vai mais longe. Ele faz a conta de multiplicar do entreguismo. O capital investido nos países subdesenvolvidos como o Brasil não dá somente esses juros espetaculares, não. É um «multiplicador», pois



Gudin

significa o domínio da economia e o poder nos países «ajudados» por tais amigos da onça. São as «vantagens secundárias» no comércio, nos transportes, nos seguros, etc.

Por isso, mostrando que é hora de aproveitar a oportunidade, suplica a **Eisenhower** que não cobre imposto de renda sobre os lucros obtidos no exterior pelos capitais americanos.

A «praga do nacionalismo»

Mas os povos não são ovelhas que se deixam tosquiar passivamente. Cresce em todo o mundo e em nossa pátria a resistência patriótica aos salteadores americanos, que combatem o imperialis-

mo lanque como seu inimigo mortal. A essa luta patriótica **Gudin** chama de «nacionalismo».

Antes, ele já tinha qualificado o nacionalismo de «imbecilidade». Agora, quando até um presidente da República do Brasil denuncia lucros dos trustes americanos superiores a 500%, em seu testamento político, **Gudin** considera o nacionalismo como uma «praga».

Aos trustes ele acena com lucros de espoliação nunca vistos. Em relação ao Brasil reclama «um clima favorável e acolhedor» para os capitais americanos. Que significa isso para nosso povo? Com seu cinismo de entreguista declarado, **Gudin** afirma: «No Brasil, adquiri a reputação de deflacionista; no entanto, a realidade é bem outra — sempre fui favorável a aumento geral dos níveis dos preços». Já na sua conferência ante os alunos do Instituto de Economia da Fundação **Getúlio Vargas**, **Gudin** tinha exposto a mesma idéia de economista da fome: «Sou favorável a um pequeno sopro inflacionário que sirva para manter uma ligeira alta dos preços para animar os negócios».

Essas são as duas faces da medalha: lucros fabulosos para os trustes lanques, carestia da vida e fome para o povo brasileiro. Por isso, o governo dos golpistas considera a luta patriótica, para varrer a dominação imperialista e com ela os traidores e entreguistas, como uma «praga».

Para tapar o rombo aberto pelos fabulosos lucros dos trustes, **Gudin** está negociando um novo empréstimo de 600 milhões de dólares, a ser pago com o dinheiro dos impostos pagos pelo povo. É para tudo isso que o fantoche **Café Filho** pede «sacrifícios e austeridades» e tenta impor o guante colonial lanque ao nosso povo.

É contra esses vendilhões da pátria que nosso povo se une e se ergue.

Vida Dos Partidos Comunistas

ÀS VÉSPERAS DO CONGRESSO DO PARTIDO OPERÁRIO RUMENO



G. Gheorghiu-Dej

OS COMITES regionais do **Partido Operário Rumeno** realizam conferências e discussões abertas a todos os militantes para o debate dos importantes documentos do Partido recentemente publicados: o projeto de Estatutos modificados do P.O.R. e o projeto de diretrizes do II Congresso do P.O.R. relativas ao «desenvolvimento da agricultura nos dois ou três próximos anos.»

A discussão desenvolve-se com grande entusiasmo. É com enorme interesse que se trava o debate sobre os Estatutos, especialmente dos artigos que tratam das condições para o ingresso no Partido, dos direitos e deveres dos militantes da crítica e da autocritica. Os oradores acentuam nas suas intervenções que a aplicação dos Estatutos modificados contribuirá para elevar o papel de vanguarda dos membros do Partido, à melhora do trabalho partidário no plano político e de organização.

Participam das discussões numerosos militantes sem partido: agrônomos, trabalhadores dos institutos de pesquisa científica, dirigentes e trabalhadores de vanguarda das explorações agrícolas coletivas, etc.

A imprensa central do Partido e os órgãos locais recebem numerosas cartas e artigos, propostas e sugestões relativas à discussão em curso.

35º ANIVERSÁRIO DE «JUSTICIA»

A **DOIS DE SETEMBRO** completou 35 anos de ininterrupta circulação o órgão central do **Partido Comunista do Uruguai**, «**Justicia**». Por esse motivo recebeu a seguinte mensagem da «**Pravda**» que diz:

«A redação da **PRAVDA** saudou calorosamente o órgão central do **Partido Comunista do Uruguai**, o diário **JUSTICIA**, no seu 35º aniversário, desejando-lhe novos êxitos na luta pela causa da classe trabalhadora, pela libertação nacional e pela Paz. Auguramos que **JUSTICIA**, que no transcurso de seus 35 anos de existência defendeu com tanta valentia os interesses dos trabalhadores e os interesses nacionais de vossa pátria, se transforme no diário mais popular do povo uruguaio. Em nome da redação da **PRAVDA** (a) **Saltukov**».

PLENO DO C. C. DO PARTIDO SOCIALISTA UNIFICADO DA ALEMANHA

O COMITÊ CENTRAL do P.S.U.A. realizou o seu XX Pleno. O camarada **Shirdewan** apresentou a lista dos candidatos do Partido às eleições. O CC aprovou os nomes indicados, por unanimidade. À base do informe do camarada **Leuschner** intitulado «As cifras de controle para o plano da economia nacional em 1955» foi

situação interior e a política internacional. O camarada **Shirdewan** apresentou a lista dos candidatos do Partido às eleições. O CC aprovou os nomes indicados, por unanimidade. À base do informe do camarada **Leuschner** intitulado «As cifras de controle para o plano da economia nacional em 1955» foi

a do tada por unanimidade uma resolução sobre as tarefas econômicas em 1955, último ano do plano quinquenal.



Wilhelm Pieck

ANIVERSÁRIO DE JOHN GATES

COMPLETOU na prisão 41 anos de idade, o dirigente comunista **John Gates** vítima do fascismo americano. **John Gates** nasceu em **N. York** a 28 de setembro de 1913. Herói de duas guerras em que lutou contra o nazifascismo, **John Gates** foi sargento pára-quedista na guerra contra Hitler e tenente-coronel da **Brigada Internacional** que se cobriu de glória na defesa da República Espanhola. Exerceu as funções de redator-chefe dos grandes jornais operários norte-americanos «**The Worker**» e «**Daily Worker**». É um dos onze dirigentes comunistas presos e condenados sem defesa — até seu advogado foi metido no cárcere — por crime de opinião pelos fascistas lanques de acordo com a **nazista Smith Act**. Desde 1951 o grande lutador está preso na penitenciária de **Atlanta**, onde recebeu centenas de mensagens dos homens e mulheres que, enfrentando o **FBI**, lutam pela paz e a liberdade nos Estados Unidos.

Exigir Liberdades Democráticas! Lutar em Defesa da Constituição!

A DITADURA AMERICANA DE CAFÉ, JUAREZ, BRIGADEIRO & CIA. VEM ATENTANDO DIARIAMENTE CONTRA OS DIREITOS DOS CIDADÃOS, COM O FIM DE LIQUIDAR A CONSTITUIÇÃO E IMPLANTAR O TERROR PARA MELHOR ESCRAVIZAR O NOSSO POVO AOS IMPERIALISTAS NORTE-AMERICANOS.

NENHUM PATRIOTA, NENHUM DEMOCRATA, NENHUM CIDADÃO HONRADO PODE FICAR IMPASSIVEL DIANTE DE SEMELHANTE INVESTIDA FASCISTA. CUMPRE DEFENDER A CONSTITUIÇÃO E AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS. AS FORÇAS POPULARES, UNIDAS NA LUTA, PODERÃO DESBARATAR A POLÍTICA DE TERROR E VIOLÊNCIA POLICIAL COM QUE O GOVERNO DE CAFÉ FILHO QUER MANIETAR O POVO. É NECESSÁRIO MOBILIZAR AS MASSAS PARA LUTAR EM DEFESA DE CADA LIBERDADE CONCRETA. NÃO CEDER NA LUTA POR QUALQUER DIREITO AMEAÇADO, NÃO ABRIR MÃO, DE MODO ALGUM, DAS GARANTIAS DEMOCRÁTICAS CONSAGRADAS NA CONSTITUIÇÃO.



Direito de Reunião

e Associação

A liberdade de associação e reunião é um direito conquistado pelo povo através de duras lutas contra a opressão. Esse direito, incluído na Constituição, não pode ser destruído pelo grupo fascista que empolgou o poder. É dever de todos os democratas exigir a liberdade de reunião e associação, o direito de realizar comícios e manifestações públicas. «A praça, a praça é do povo, como o céu é do condor», dizia o imortal poeta Castro Alves.

O povo unido há de fazer recuar a malta fascista, toda vez que tentar negar-lhe o direito de reunião e associação. Exigir tenazmente a legalidade do Partido Comunista. Todos os direitos e liberdades estão ameaçados quando é negado à classe operária o direito a possuir, legalmente, seu próprio partido político.

★ ★



Defender os Jornais do Povo



A liberdade de imprensa, assegurada pela Constituição, é vital para as lutas democráticas de nosso povo. Todo golpe contra este direito é um ato fascista e há de ser frustrado pelos protestos das associações de imprensa, organizações populares, de todos os democratas enfim. Difundir e ajudar financeiramente os jornais do povo — os jornais que defendem as liberdades — é lutar concretamente em defesa da liberdade de imprensa.

DEFENDER AS LIBERDADES INDIVIDUAIS

Não deixar sem o mais enérgico protesto qualquer atentado aos direitos individuais. Impedir por meio de recursos legais e através de protestos populares toda a qualquer investida contra a liberdade individual, a inviolabilidade de domicílio e correspondência, o direito de opinião e de pensamento. Nenhum ataque às liberdades pode ficar sem vigorosa resposta, todo e qualquer ato arbitrário do governo deve esbarrar na firme resistência dos patriotas.

Exigir o cumprimento da Constituição, jamais ceder um palmo em defesa das liberdades individuais.

Liberdade Sindical

Não é possível admitir a intervenção ministerial e policial nos sindicatos. A liberdade sindical deve ser preservada por todas as formas e defendida de todos os ataques pela ação unida dos trabalhadores. É um direito dos trabalhadores e seus sindicatos realizar entendimentos para ação comum e empreender iniciativas conjuntas de diferentes setores da classe operária. Nenhum trabalhador pode aceitar a portaria fascista que «proíbe» as comissões intersindicais e os pactos de unidade. A unidade do movimento sindical é sagrada para os trabalhadores de todas as tendências e há de ser defendida por todos os meios de protesto — abaixo-assinados, mensagens, resoluções e demonstrações.



DIRIGIMO-NOS A TODOS, ACIMA DE CONDIÇÕES SOCIAIS, DE PONTOS-DE-VISTA POLÍTICOS OU DE CRENÇAS RELIGIOSAS. APELAMOS A TODOS PARA QUE NOS UNAMOS E LUTEMOS EM DEFESA DA CONSTITUIÇÃO, DA LIBERDADE DE IMPRENSA, DA LIBERDADE SINDICAL, PELAS REIVINDICAÇÕES OPERÁRIAS, CAMPONESAS E POPULARES, CONTRA A CARESTIA DA VIDA, PELO CONGELAMENTO DE PREÇOS, CONTRA QUALQUER TENTATIVA NO SENTIDO DA REDUÇÃO DO SALÁRIO-MÍNIMO”.

(Do Manifesto do PCB, de 1.º de setembro)

Greve, Arma dos

Trabalhadores

A greve é uma arma de luta dos trabalhadores. O recurso à greve é decidido exclusivamente pelos próprios operários e jamais pode ficar ao arbítrio da polícia ou do Ministério de Trabalho. Os trabalhadores nunca poderão aceitar a pretensão de Judas Napoleão que se arroga o direito de definir as greves como «legais» ou «ilegais». Todas as tentativas de liquidar com o sagrado direito de greve se esboroarão se os trabalhadores lutarem unidos em seus sindicatos e nos comitês sindicais de empresa.

Os trabalhadores defendem o direito de greve por todos os meios, inclusive recorrendo à greve, como o fizeram os bravos ferroviários da Leopoldina.

E' Inevitável a Unidade de Ação Entre Comunistas e Trabalhistas

Em todo o país as forças populares tendem a congregar-se na luta pela emancipação nacional, as liberdades democráticas e as reivindicações do povo

DIANTE do golpe de 24 de agosto, tornou-se ainda mais clara, para milhões de brasileiros, a interferência direta e brutal dos imperialistas norte-americanos na vida interna de nosso país. Foi o próprio presidente da República, sr. Getúlio Vargas, quem proclamou essa verdade em sua carta-testamento. Largos setores da população, que tinham uma idéia ainda vaga da ação dos trustes americanos em nossa pátria, puderam avaliar toda a extensão desse fato alarmante: os monopolistas ianques não somente detêm post-chave na economia de nossa pátria, mas procuram a todo pano transformá-la em colônia, não vacilando, para isso, em mudar e impor governantes por meio de golpes de força.

Tendência irrefreável à unidade de ação

A constituição do governo que se seguiu ao golpe americano, bem como a política violentamente antipopular e antinacional seguida pelos agentes dos trustes ianques instalados no poder vieram alertar ainda mais vivamente as massas populares acerca da ameaça que paira sobre a vida da nação e o futuro de nosso povo. Patriotas de todas as correntes vão compreendendo a razão que assiste ao Partido Comunis-

ta em seus constantes apêlos para a união de todas as forças populares em defesa das liberdades democráticas e da independência nacional, na luta para emancipar o Brasil do jugo norte-americano. Daí a tendência, que se acentua dia a dia, à ação comum, a exemplo das batalhas que os trabalhadores vêm travando por suas reivindicações em seus grandes movimentos grevistas.

As coalizões eleitorais — passos para a união do povo

Exemplo de unificação das forças patrióticas é a Liga da Emancipação Nacional, recebendo o apoio de personalidades e líderes políticos de diferentes correntes e fundando núcleos que aglutinam o povo para a defesa de suas reivindicações e da independência da pátria.

A campanha eleitoral veio reforçar ainda mais o movimento pela junção das for-

ças democráticas, graças aos esforços dos comunistas. Atendendo ao apêlo do P. C. B. e de seu grande líder Luiz Carlos Prestes, no sentido de derrotar os entreguistas e eleger os candidatos patriotas, o povo acorreu aos comícios e apoiou os candidatos populares e influiu poderosamente na marcha dos acontecimentos, não obstante as restrições fascistas que

pesam sobre a campanha eleitoral e o pleito de 3 de outubro. Sob o impulso da participação do povo na luta eleitoral, foi possível, em muitos Estados, organizar coalizões eleitorais em torno de programas patrióticos. Homens de diferentes partidos e correntes engajaram-se na ação comum para derrotar os agentes do imperialismo norte-americano. As alianças assim obtidas em diversos Estados, embora criadas em função do pleito, constituem importantes passos para a união do povo num amplo e duradouro movimento de frente única pela libertação da pátria. Exemplo disso são os acordos concluídos em São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia, Ceará e outros Estados, com a participação dos comunistas.

Panela vazia e trabalhistas de S. Paulo

Em São Paulo, comunistas, trabalhistas e elementos patriotas de outras correntes uniram-se numa ampla coligação tendo por base a luta contra os imperialistas norte-americanos, a defesa das reivindicações dos trabalhadores da cidade e do campo e a defesa das conquistas democráticas incluídas na Constituição. Os candidatos da panela vazia inscreveram-se na legenda do P.T.B. O gal. Leonidas Cardozo retirou sua candidatura à governança de São Paulo e a coligação «trabalhistas-panela vazia» decidiu lutar pela derrota dos candidatos ligados às empresas norte-americanas e apoiar o nome do sr. Wladimir Toledo Piza para o governo do



Wladimir Toledo Piza e o gen. Leonidas Cardozo, lado a lado num comício em São Paulo. Piza, candidato do PTB ao governo do Estado, recebeu o apoio dos comunistas e outros elementos patriotas, entre os quais o ilustre dirigente da Liga da Emancipação Nacional, gen. Leonidas Cardozo, que retirou sua candidatura em benefício da unidade das forças populares

Estado, como o candidato de unidade das forças populares e antiimperialistas. Trabalhistas e comunistas uniram-se ainda a apoiar a eleição do jurista Canuto Mendes de Almeida para o Senado, dada a sua firme posição em defesa das liberdades democráticas e da legalidade do Partido Comunista.

O entusiasmo dos operários

As massas trabalhadoras receberam com entusiasmo essa aliança. Nas fábricas, os candidatos do PTB-Panela Vazia recebiam o aplauso dos operários. Estes compreenderam ainda melhor a importância dessa união depois que leram o artigo de Luiz Carlos Prestes, amplamente divulgado, «Comunistas e trabalhistas, ombro a ombro na luta contra o inimigo comum». Entre os trabalhadores, que lutam unidos, há muito, por suas reivindicações, a unidade das duas grandes forças veio dar novo impulso à luta pelo congelamento de preços e o aumento de salários, em defesa da liberdade sindical e da própria Constituição, que o governo de Café quer reduzir a farrapos.

Essa união de forças é saudada com entusiasmo igualmente por outras as camadas da população — o pequeno comércio, asfixiado pelo regime de impostos extorsivos; as donas de casa, empenhadas na luta contra a carestia; elementos da indústria nacional, prejudicados pela política de proteção aos trustes ianques e aos latifundiários seguida pelo governo; todos os patriotas, enfim, interessados na emancipação nacional.

Amplia-se a Frente Popular

No Rio Grande do Sul, antes mesmo do golpe de 24 de

agosto, constituiu-se a Frente Popular, reunindo comunistas, a seção local do Partido Socialista, líderes do P.T.B. e personalidades de outras correntes, irmanados todos na luta pela emancipação nacional e pelas reivindicações mais sentidas do povo gaúcho, principalmente a luta contra a carestia da vida, que já levou os trabalhadores a uma greve geral sem precedentes no Estado e que contou com o apoio de largas camadas do povo.

A Frente Popular ampliou-se ainda mais após as grandes demonstrações populares contra o imperialismo norte-americano nos dias 24 e 25 de agosto. Conhecidos líderes comunistas lançaram um manifesto às massas getulistas concitando-se a se unirem a seus irmãos comunistas na luta comum por suas reivindicações e pela libertação nacional. Por outro lado, a Frente Popular retirou seu candidato ao governo gaúcho, desembargador Pereira Sampaio, e proclamou seu apoio ao candidato do P. T. B., sr. Alberto Pasqualini, visando a derrotar fragorosamente nas urnas os candidatos da reação e do entreguismo e a impulsionar ainda mais a unificação das forças populares.

Aliança dos pernambucanos contra os agentes ianques

Em Pernambuco, os comunistas e outras correntes patrióticas que apoiavam os candidatos populares uniram-se aos trabalhistas para derrotar o agente do imperialismo norte-americano

e provocador de guerra Oswaldo Cordeiro de Farias, uma das principais figuras do golpe americano que derubou o sr. Getúlio Vargas. Enfrentando a reação desencadeada pelo policial Etevirio Lima, o movimento popular acorreu em apoio a alguns candidatos patriotas a deputado e o sr. Cordeiro de Farias para governador do Estado. Todas as forças populares e democráticas de Pernambuco congregaram-se assim numa ampla coalizão para derrotar o imperialismo norte-americano, representado por um de seus mais descarados agentes: Oswaldo Cordeiro de Farias.

Comunistas e trabalhistas unidos, na Bahia

Na Bahia, as forças populares se congregaram em torno da candidatura do sr. Antonio Balbino, que se pronunciou em favor do pleno exercício das liberdades constitucionais, incluindo aí o legítimo direito do Partido Comunista à legalidade. O núcleo principal dessa coalizão é representado pela aliança entre comunistas e getulistas e sua luta se dirige contra o candidato do regulato Regis Pacheco. As forças populares têm igualmente um candidato comum à prefeitura de Salvador, sr. Hildo Machado.



Em São Paulo, as massas getulistas uniram-se aos comunistas para protestar contra a política de fome e opressão do governo americano de Café Filho e derrotar nas urnas os traidores da pátria. O mesmo sucedeu em outras cidades do Brasil. Ninguém poderá deter a união do povo!